



**Ispa**

Instituto Universitário  
de Ciências Psicológicas,  
Sociais e da Vida

**Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades: A  
Influência das Crenças Paternas no Envolvimento do  
Pai mediada pela Intimidade Conjugal**

MARIANA DE CASTRO MEIRELES

Responsável pelo Seminário de Dissertação:

**PROFESSORA DOUTORA EVA DINIZ**

Dissertação submetida como requisito para a obtenção de grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Lisboa, 2023

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Eva Diniz, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer à professora Eva Diniz por toda a ajuda e disponibilidade que demonstrou ao longo deste ano permitindo assim a execução deste trabalho e o encerramento de um ciclo. Um obrigada também às minhas colegas de seminário por todas as sugestões e partilhas durante este período.

Aos professores com quem tive o privilégio de me cruzar ao longo destes 5 anos e que me ensinaram não só esta ciência pela qual somos apaixonados mas também a beleza e arte que é o ser humano. O ISPA será sempre uma casa repleta de memórias, amigos e sonhos em cada esquina.

Às minhas queridas amigas Andreia Rodrigues, Leonor Oliveira e Alexandra Dórdio que tanto me ensinaram e me apoiaram todos os dias ao longo desta caminhada. Estiveram presentes nos momentos mais difíceis e sempre com uma palavra de conforto pronta, por vezes era só isso que bastava. Juntas celebrámos também as nossas vitórias... e que vitórias! Um obrigada não chega...

Às minhas irmãs do coração Francisca Borges Silva, Mafalda Paredes, Sofia Basílio e Rosarinho Duarte Silva que já me acompanham há longos anos... Um obrigada gigante pelas vossas palavras sábias, compreensão, carinho e amor. Sou-vos eternamente grata.

Ao Eduardo, por ser um verdadeiro porto seguro e me ter amparado quando mais precisava mas também por incentivar a arriscar e confiar em mim mesma. O meu mais sincero obrigada.

À minha família toda que tanto torceu pelas minhas conquistas e que certamente irá continuar a fazê-lo.

Aos meus pais e madrasta pelo amor e apoio incondicional e por me terem proporcionado este sonho. Um dia, quando for grande, quero ser tão incrível quanto vocês.

À minha querida irmã Laura me ensinou o que é o amor incondicional.

Por fim, o maior agradecimento ao meu avô Zé, avó Aninhas, Avô Zé António e Avó Mimi que sempre me apoiaram e ao longo destes 23 anos. Lembro-me de ser pequena e pensar “Os avós são feitos de AMOR.” e essa continua a ser para mim uma verdade absoluta e universal.

## Resumo

O presente estudo teve como principal objetivo analisar a influência das crenças paternas no envolvimento do pai nos cuidados prestados ao seu filho(a), através do papel mediador da intimidade conjugal e de cada uma das suas componentes. A amostra foi composta por 83 participantes do sexo masculino com filhos até 3 anos e que mantinham uma relação amorosa e coabitavam com a mãe da criança. Os inquiridos foram contactados através de colégios e divulgação *online* do estudo, caracterizando-se como uma amostra por conveniência. Os instrumentos utilizados foram: Escala Papel do Pai (EPP), Escala do Envolvimento Paterno (EEP) e Escala da Intimidade Conjugal (PAIR). Os resultados do estudo destacam que a relação entre as crenças paternas e o envolvimento do pai são significativas e que a variável intimidade conjugal medeia de forma total esta mesma relação. Verifica-se também que as componentes validação pessoal e comunicação medeiam a relação principal, no entanto, a componente abertura ao exterior apresenta resultados não significativos enquanto mediadora da relação das crenças paternas e do envolvimento do pai. Em suma, os resultados reforçam a importância da estabilidade e satisfação da relação conjugal de modo a promover uma maior participação nos cuidados ao bebé.

**Palavras-chave:** Crenças paternas; envolvimento paterno; intimidade conjugal; crianças; parentalidade.

## **Abstract**

The main objective of this study was to analyze the influence of paternal beliefs on the father's involvement in the care provided to his child, through the mediating role of marital intimacy and each of its components. The sample consisted of 83 male participants with children up to 3 years old and who maintained a romantic relationship and cohabited with the child's mother. Respondents were contacted through schools and online dissemination of the study, characterizing it as a convenience sample. The scales used were: Role of the Father Scale (EPP), Paternal Involvement Scale (EEP) and Marital Intimacy Scale (PAIR). The results of the study highlight that the relationship between paternal beliefs and the father's involvement are significant and that the marital intimacy variable fully mediates this same relationship. It is also verified that the components personal validation and communication mediate the main relationship, however, the openness to the exterior component presents non-significant results as a mediator of the relationship between paternal beliefs and the father's involvement. In short, the results reinforce the importance of stability and satisfaction in the marital relationship in order to promote greater participation in baby care.

**Keywords:** Paternal beliefs; paternal involvement; marital intimacy; children; parenting.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>3</b>
CRENÇAS PATERNAS.....	3
ENVOLVIMENTO PATERNO .....	5
QUALIDADE DA RELAÇÃO CONJUGAL: A INTIMIDADE.....	8
AS CRENÇAS PATERNAS, O ENVOLVIMENTO DO PAI E A INTIMIDADE CONJUGAL.....	10
<b>HIPÓTESES E MODELO CONCEPTUAL.....</b>	<b>12</b>
<b>MÉTODO .....</b>	<b>13</b>
DELINEAMENTO.....	13
PARTICIPANTES.....	13
<i>Questionário Sociodemográfico</i> .....	14
<i>Escala Papel do Pai (EPP)</i> .....	14
<i>Escala do Envolvimento Parental (EEP)</i> .....	15
<i>Escala de Avaliação da Intimidade na Relação (PAIR)</i> .....	16
PROCEDIMENTO .....	17
ANÁLISE DE DADOS .....	18
<b>RESULTADOS.....</b>	<b>19</b>
RESULTADOS DESCRITIVOS.....	19
ASSOCIAÇÃO ENTRE CRENÇAS E ENVOLVIMENTO PATERNO.....	22
CRENÇAS E ENVOLVIMENTO PATERNO: O PAPEL MEDIADOR DA INTIMIDADE CONJUGAL.....	22
ANÁLISES DE MEDIAÇÃO DAS COMPONENTES DA INTIMIDADE CONJUGAL .....	24
<b>DISCUSSÃO .....</b>	<b>28</b>
LIMITAÇÕES E ESTUDOS FUTUROS.....	30
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>41</b>
ANEXO A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO .....	41
ANEXO B – ESCALA PAPEL DO PAI .....	44
ANEXO C – ESCALA ENVOLVIMENTO PARENTAL .....	46
ANEXO D – ESCALA DE AVALIAÇÃO DA INTIMIDADE NA RELAÇÃO (PAIR).....	48

ANEXO E – PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO.....	52
ANEXO F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE .....	53

## ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 Correlações entre variáveis ( $N = 83$ ) .....	21
TABELA 2 <i>Resultados de Regressão Linear Simples</i> .....	22
TABELA 1 <i>Efeito das Crenças Paternas no Envolvimento do Pai através da Intimidade Conjugal</i> .....	23
TABELA 4 <i>Efeito das Crenças Paternas no Envolvimento do Pai através da Validação Pessoal</i> .....	25
TABELA 5 <i>Efeito das Crenças Paternas no Envolvimento do Pai através da Comunicação</i> .....	26
TABELA 6 <i>Efeito das Crenças Paternas no Envolvimento do Pai através da Abertura ao Exterior</i> .....	27

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 <i>Modelo conceptual das hipóteses</i> .....	13
---	----

## Introdução

Ao longo das últimas décadas tem se vindo a observar uma alteração do papel social desempenhado pelo homem na sua dinâmica familiar. Datando os anos 50, no período pós Segunda Guerra Mundial, os homens eram caracterizados como chefes de família e provedores de estabilidade económica, opondo-se desta forma ao papel desempenhado pela mulher, considerada a principal cuidadora e responsável pela harmonia familiar (Pleck & Pleck, 2010). Esta definição de papéis sociais, vigente durante grande parte do século XX, estava até então associada a uma pré-noção de que o homem seria menos capaz de cuidar dos filhos, principalmente enquanto estes eram bebés. Em oposição a esta ideia, a mulher seria uma cuidadora “natural”, pois acreditava-se que as diferenças biológicas entre os dois sexos permitiam que a mulher tivesse mais competências para desempenhar esta função (Davis & King, 2018).

A entrada da mulher no mercado de trabalho permitiu, não só a promoção e conquista da sua independência, mas também a valorização do seu papel, pois estas passaram a contribuir também financeiramente para o agregado familiar, tornando-se parceiras cada vez mais igualitárias a nível social e familiar (*United Nations*, 2011). Desta forma, observaram-se mudanças progressivas das dinâmicas e estruturas familiares, em particular o maior envolvimento paterno nos cuidados à criança.

A tomada de decisão de constituir uma família é um marco importante na transição para a vida adulta. Devido a fatores pessoais, sociais e financeiros, a ocorrência do nascimento do primeiro filho, após o momento em que o casal decide coabitar, tende a surgir cada vez mais tarde (Compans et al., 2022). Atualmente, em Portugal, a idade média da mãe aquando do nascimento do primeiro filho é de 30.8 anos (FFMS, 2022). Neste sentido, a transição para a parentalidade exige uma mudança acentuada nos papéis sociais até então desempenhados, na identidade do próprio e nos objetivos de vida (Baldwin et al., 2018), acarretando mudanças significativas do ponto de vista emocional. Desta forma, este período é considerado um marco importante de transição na vida do indivíduo (Solberg et al., 2022).

Com a mudança de paradigma de crenças sociais, associadas às competências do pai na prestação de cuidados do filho, surgiu a necessidade de explorar o impacto que a participação do pai terá na vida da criança. Até então, as pesquisas centravam-se essencialmente no papel das mães no desenvolvimento social, comportamental e cognitivo dos seus filhos. No entanto, estudos apontam que a contribuição do pai no desenvolvimento infantil é independente da mãe

(Lamb & Lewis, 2010; Pleck, 2010; Allport et al., 2017) e que, o amor paterno é tão importante para o desenvolvimento da criança quanto o amor materno (Rohner & Venazio, 2001).

A interação da díade pai-filho durante a primeira e segunda infância é considerado um fator importante no desenvolvimento da criança (Cabrera, Fitzgerald, et al., 2007), relacionando-se com melhores competências a nível comunicacional, relacional, acadêmico e de autorregulação (Cabrera, Fitzgerald, et al., 2007). Neste sentido, Pleck (2010) sugere que o tempo e o envolvimento paterno estão positivamente associados a um desenvolvimento infantil mais saudável. Estas crenças poderão também estar associadas à satisfação da relação conjugal, nomeadamente à intimidade apresentada pelo casal, onde se pode observar que as crenças mais igualitárias associadas ao papel do pai relacionam-se com uma maior probabilidade no estabelecimento de uma vinculação segura quando manifestada uma elevada satisfação conjugal (Wong et al., 2009). Deste modo, pais que apresentam baixos níveis de satisfação conjugal apresentam-se menos implicados nos processos de cuidado e uma menor qualidade da relação estabelecida entre pai-filho (Erel & Burman, 1995).

Considerando estas associações, o presente estudo tem como principal objetivo verificar a existência de uma relação entre as crenças paternas e o envolvimento do pai em indivíduos do sexo masculino com pelo menos um filho na primeira infância e que coabitem com a mãe do mesmo. Posteriormente, é ainda testada a intimidade conjugal e as suas componentes, validação pessoal, comunicação e abertura ao exterior, enquanto variáveis mediadoras da relação previamente descrita.

## Revisão da Literatura

### Crenças Paternas

As crenças podem ser definidas como representações mentais de conteúdos relativos a um objeto que relacionam a experiência prévia do indivíduo com o seu comportamento futuro (Seitz, 2022). Desta forma, as crenças paternas poderão ser entendidas como um conjunto de cognições que guiam os comportamentos e interações que o pai tem para com o bebé (Grusec & Danyliuk, 2014). Alguns autores defendem ainda que a relação entre as crenças e o comportamento é uma relação bidirecional, onde as crenças paternas motivam o pai a envolver-se o que, por sua vez, reforça as suas crenças acerca do desempenho do seu papel (Freeman et al., 2008). Deste modo, as crenças dos pais são expressas muitas vezes também através do estilo parental que adotam para com os seus filhos. Segundo Darling & Steinberg (1993), estes estilos são definidos como um conjunto de atitudes, valores e crenças por parte do pai transmitidos à criança. Assim sendo, os autores definiram três estilos parentais com base no controlo e responsividade: o primeiro estilo, autoritativo, remete para um estilo de parentalidade em que há um bom suporte, responsividade às necessidades da criança e uma definição clara de limites. Contrariamente a esta postura, é nos apresentado o estilo autoritário onde existe pouco suporte e um elevado nível de controlo sendo valorizada a obediência e disciplina da criança. Por fim, foi definido o estilo permissivo onde existem elevados níveis de responsividade, no entanto, há um baixo nível de estabelecimento de limites. Num estudo com pais chineses e pais de ascendência chinesa residentes no Canadá, foi possível verificar que os pais chineses adotavam um estilo parental mais autoritário. Por outro lado, os pais que viviam no Canadá, apresentavam crenças compatíveis com o estilo e práticas autoritativas (Chuang & Su, 2009). Deste modo, é possível afirmar que os estilos parentais diferem em função da cultura em que o indivíduo se encontra inserido, assim como as crenças vigentes na mesma.

Alguns estudos apontam ainda que pais com crenças menos conservadoras do desempenho do seu papel demonstram mais afetos e estão mais atentos aos comportamentos das crianças (McBride, Schoppe, Ho & Rane, 2004). É sabido que crenças tradicionais associadas aos papéis de género defendem o pai como o principal provedor financeiro e a mãe como a principal cuidadora dos filhos e lar. Por sua vez, pais com crenças menos tradicionais relativas ao papel de género defendem uma maior igualdade nos cuidados e consideram que tanto a mãe como o pai são capazes de cuidar dos filhos (Aarntzen, Van der Lipe, van Steenbergen & Derks, 2020).

As crenças desenvolvem-se ao longo do crescimento individual, na relação consigo, os outros e o mundo (Beck em 1997). As crenças centrais dizem respeito a ideias fundamentais, rígidas e generalizadas. Deste modo, caso estas crenças sejam desadaptativas, a interpretação da situação apresenta-se díspar face à realidade. Exemplo desta situação, poderá ser um pai convicto de que tem uma baixa competência para suprimir as necessidades da criança, assim apresentará uma maior dificuldade em interpretar o choro do bebé mesmo que consiga identificar de forma correta a necessidade e solucioná-la de forma adequada e eficaz. No entanto, por se tratar de uma crença fundamental a mesma é percebida pelo indivíduo como verdade absoluta (Beck, 1997) dificultando a adoção de uma percepção adequada à realidade.

Assim sendo, toda a cultura é constituída por crenças centrais fundamentais definindo como é que cada indivíduo deverá pensar, sentir e agir de modo a que seja considerado um elemento funcional daquele sistema. É ainda definido que cada grupo tem presente diferentes crenças normativas, no entanto, quando comparadas com outra cultura estas poderão ser destoantes. A cultura influencia as cognições e crenças parentais e conseqüentemente impactam as suas práticas (Bornstein, 2012). Um dos fatores que influenciam o envolvimento paterno é a percepção que o pai tem sobre o seu papel (Stryker, 1980). Deste modo, teoriza-se que os sujeitos constroem significados através das interações sociais, dando-lhes informações acerca dos comportamentos expectáveis relativamente ao papel que o indivíduo desempenha (Adamsons & Pasley, 2016). Tal como referido anteriormente, a definição dos papéis de género varia consoante a cultura em que nos encontramos inseridos. De acordo com dados fornecidos pela Comissão Europeia em 2018, cerca de 47% dos portugueses inquiridos concordam com a afirmação “O papel mais importante de uma mulher é cuidar da sua casa e da família.”. Neste sentido, Portugal juntamente com países como Grã-Bretanha, Finlândia, Hungria e Bulgária apresentam valores superiores a 35% de respostas afirmativas tendo sido apresentadas crenças mais conservadoras relativamente aos papéis de género comparativamente a países como Suécia, Holanda, Alemanha e Espanha que apresentaram uma menor percentagem de respostas positivas de acordo com a afirmação (Aarntzen et al., 2020).

Segundo diversos estudos (Palkovitz, 2002; Zvara & Shoppe-Sullivan, 2013; Liu et al., 2022), indivíduos que apresentam crenças mais igualitárias relativamente ao desempenho do seu papel revelam um maior envolvimento paterno. Assim sendo, as crenças apresentam-se como um fator preditor significativo do construto (Liu et al., 2022).

## **Envolvimento Paterno**

As transformações sociais geraram novos conceitos e crenças, nomeadamente nos papéis familiares. Deste modo, o pai adotou diferentes atitudes no desempenho do seu papel parental e do seu envolvimento nos cuidados à criança ao longo do tempo. As funções desempenhadas pelo pai, no período pré-industrial, em que a igreja mantinha um papel fundamental e regulador da sociedade, referia-se essencialmente ao ensino da escrita, leitura e supervisão moral dos seus filhos. Na época, considerava-se que um bom pai era aquele que fornecia aos seus descendentes os bons valores cristãos (Lamb, 2000). No período da industrialização, a conceptualização do dever e do papel a ser desempenhado pelo pai alterou-se. Aqui, o pai passaria a adotar a função de principal provedor de estabilidade financeira no agregado familiar (Pleck & Pleck, 2010).

A partir dos anos 70, a figura paterna passa a ser descrita como alguém que deverá ser mais ativa na vida dos seus filhos desempenhando assim um papel protetor (Crespi & Ruspini, 2015). Tendo em consideração a sociedade pluralista em que vivemos, muitas são as definições descritas sobre o papel e o envolvimento do pai para com os seus filhos. É importante ainda ressaltar que a cultura, em que estes se inserem, tem também um impacto significativo neste conceito. Atualmente, o construto de envolvimento paterno refere-se à prestação direta ou indireta de cuidados ao filho (Freeman, Newland & Coyl, 2008). Os cuidados diretos assentam, essencialmente, em atividades concretizadas com a criança diretamente como por exemplo, brincar ou cuidar dela (Crespi & Ruspini, 2015).

Os cuidados indiretos referem-se a atividades ou ações executadas pelo pai com um impacto não direto na criança como por exemplo, preparar as refeições, comprar roupa ou outros bens essenciais (Fogarty & Evans, 2009). Cabrera (2014) descreve alguns fatores que influenciam o grau de envolvimento do pai para além da cultura e do contexto já mencionados anteriormente. Estes fatores poderão ser próprios do indivíduo como por exemplo, as suas crenças, o seu conhecimento e autoeficácia; aspetos contextuais, como o horário de trabalho do pai (Cabrera et al., 2014); ou ainda aspetos interpessoais como a rede de suporte existente ou a presença de conflitos conjugais. A mãe tem também um papel importante neste sentido, pois pode favorecer a participação e envolvimento do pai ou pode restringi-la (Schoppe-Sullivan et al., 2008).

Ao longo do estudo desta temática, constatou-se que o tempo e o envolvimento paterno estão positivamente associados a um desenvolvimento infantil mais saudável (Pleck, 2010), maior bem-estar dos pais e coesão familiar (Allport, 2018). Muitos estudos debruçam-se ainda na repercussão que este envolvimento tem em idades pré-escolares, no entanto, seria pertinente a sua verificação em idades mais precoces, como por exemplo, nos primeiros anos de vida onde

existem mudanças significativas no desenvolvimento da criança. Estudos demonstram que um maior envolvimento no período gestacional prediz um maior envolvimento nos primeiros dois anos de vida (Bouchard, 2012; Shorey et al., 2019). Neste sentido, crianças cujos pais estejam envolvidos na sua vida de forma ativa demonstram melhores resultados ao nível cognitivo, emocional, socio-comportamental e da saúde física (Bronte-Tinkew et al., 2008; Allport et al., 2018). Este envolvimento não é apenas benéfico para a criança, mas também para os seus próprios pais. A presença ativa do pai poderá ter influência numa menor probabilidade de depressão materna, de abusos de substâncias por parte do pai, maior autoconfiança, melhor autoimagem, promoção de estabilidade conjugal e felicidade parental (Allport, 2018).

Lamb et al. (1985), distinguiram o envolvimento paterno em três componentes: a primeira diz respeito ao envolvimento entre o pai e a criança, ou seja, as interações diretas estabelecidas entre ambos; a segunda componente refere-se à acessibilidade do pai, onde o mesmo apresenta disponibilidade face às solicitações do filho; por último, a terceira componente remete para a responsabilidade, associando-se às atividades indiretas referentes à criança (Lamb, 2000). Posteriormente, Pleck em 2010 redefiniu as componentes descritas por Lamb adicionando mais duas dimensões ao modelo. A primeira componente refere-se às interações promotoras de um bom desenvolvimento da criança, designando-a como envolvimento positivo; a segunda refere-se à cordialidade e recetividade estando associada ao envolvimento positivo anteriormente descrito; a terceira dimensão diz respeito à tomada de decisão e monitorização das atividades da criança, sendo assim definida por controlo; a quarta componente refere-se ao cuidado indireto prestado pelo pai; e por fim, a última dimensão assenta na consciência, onde é envolvido um processo de tomada de iniciativa e verificação do que é necessário e essencial para o bem-estar da criança (Pleck, 2010).

O envolvimento é ainda influenciado pela ligação pai-bebé durante e pós o período gestacional através da participação nas consultas durante a gravidez, a preparação para o nascimento e a procura ativa de informação sobre o processo de desenvolvimento do bebé. Estas práticas sugerem uma influência positiva na ligação estabelecida entre pai e filho (Nogueira & Ferreira, 2012).

Na literatura, esta ligação encontra-se frequentemente associada ao vínculo mãe-bebé, porém, a mãe poderá não ser esta figura uma vez que o pai ou outro elemento significativo poderá desempenhar esta mesma função (Guedeney, 2004). O período após o nascimento da criança é um momento ambivalente, pois é dominado por fortes emoções tanto positivas, como o amor, quanto negativas como o afastamento do pai da interação criada entre mãe e bebé. No entanto, devido às exigências específicas do bebé nos primeiros meses de vida, os pais sentem-

se muitas vezes alienados da díade estabelecida entre a mãe e o filho. Neste sentido, a nova dinâmica familiar é alvo de uma reestruturação e como tal, este é um processo intenso do ponto de vista emocional para o casal necessitando de tempo para se apresentar consolidado (Solberg et al., 2022). Apesar disto, a presença ativa e positiva do pai nos primeiros momentos após o nascimento torna-se fundamental para o envolvimento do pai com o seu bebé. A licença de paternidade assim é descrita como uma oportunidade para a um maior envolvimento (Petts & Knoester, 2018). Esta medida permite ao homem, muitas vezes exposto a poucas experiências dirigidas ao cuidado ao longo da sua infância, adquirir uma maior perceção e competências práticas acerca das funções que deverá desempenhar (Petts & Knoester, 2018). Este momento, permite ainda uma maior consciencialização das dificuldades e preocupações que surgem na parentalidade que, caso se mantivesse a trabalhar de modo integral, poderia não ter esta perceção (Rehel, 2014). Uma visão mais abrangente da paternidade permite ainda que os pais sejam autónomos e seguros no desempenho das suas funções evitando assim apenas uma relação cujo objetivo é meramente funcional onde a sua parceira delega a execução de tarefas, permitindo assim a construção de uma equipa.

Naturalmente, existem fatores que poderão influenciar o usufruto da licença de paternidade. Um dos fatores diz respeito às características pessoais do próprio pai e à sua motivação em ser um elemento ativo na prestação de cuidados, bem como as suas crenças associadas à dificuldade do desempenho da função de cuidar de um recém-nascido. Num estudo comparativo relativamente à adoção do período de licença de paternidade, revela-se que pais que não usufruíram da licença tendem a percecionar o cuidado infantil como pouco exigente e menos intenso (Rehel, 2014). A razão frequentemente apresentada como limitação que impede alguns pais de usufruir da licença é a preocupação com a reação dos superiores e colegas no local de trabalho acabando por inibir alguns homens de exercer o seu direito (Rehel, 2014).

Em Portugal, segundo a Lei nº 7/2009 do Código de Trabalho (Diário da República, 2009), a licença parental após o parto preconiza que o período de licença poderá durar até 120 ou 150 dias, dos quais apenas 30 são obrigatórios serem usufruídos pela mãe. Relativamente à licença parental exclusiva do pai de 20 dias, encontra-se contemplada no período de licença parental inicial previamente descrito. Para além desta modalidade, é possível ainda optar pela licença parental partilhada, em que após os 120 ou 150 dias iniciais acrescem 30 dias que poderão ser usufruídos na totalidade por um dos progenitores ou partilhados por ambos os elementos (Diário da República, 2009). A aposta neste tipo de políticas reflete também as transformações sociais onde é valorizada a maior participação do papel paterno na educação dos seus filhos.

Após a análise da influência do período de licença de paternidade no envolvimento do pai e no consequente desenvolvimento positivo do bebê é possível constatar a importância deste momento para a exploração, por parte do pai, das suas competências paternas (Petts & Knoester, 2018), promoção de maior autonomia e estabelecimento de um vínculo afetivo entre pai-filho (Lamb, 2010; Pleck, 2010).

Assim como a licença de paternidade, a qualidade da relação estabelecida com o cônjuge também tem impacto na relação pai-filho. Deste modo, estudos apontam que a qualidade conjugal é um fator preditor do envolvimento paterno sendo que quanto maior for a satisfação e intimidade da relação maior será o seu envolvimento (Coiro & Emery, 1998; Leve et al., 2001; Mehall et al., 2009).

### **Qualidade da Relação Conjugal: A Intimidade**

De acordo com a teoria do Ciclo Vital da Família à medida que o tempo passa, as famílias sofrem inúmeras alterações estruturais e de desempenho de papéis (Hill, 1986). Este conceito tem sido alvo de diversos estudos e alterações de modo a permitir um melhor entendimento acerca das diferentes fases de vida a que os indivíduos estão sujeitos, o nascimento de um filho constitui assim uma das fases contempladas neste modelo (Magagnin et al., 2003).

A transição da conjugalidade para a parentalidade é um período onde é necessário existir uma reorganização de toda a dinâmica familiar. Até então, o foco e investimento era orientado para a díade marido-mulher e com a chegada de um novo elemento a esta dinâmica, o investimento passará a ser na relação pais-filhos (Magagnin et al., 2003). A paternidade é descrita como um período da vida de grande sobrecarga, em que o pai se poderá sentir pouco capaz de satisfazer as necessidades do seu bebê sejam estas de cariz emocional, higiénico ou nutricionais, sentindo por vezes frustração e raiva resultando assim num menor envolvimento paterno (Pedersen, Maindal e Ryom (2021).

A qualidade conjugal assenta numa abordagem multidimensional, composta por cinco componentes: o compromisso e investimento na relação, nomeadamente dedicação, companheirismo e apoio mútuo entre os membros da relação; a paixão e atração pelo cônjuge, o que inclui o desejo e atração sexual pelo companheiro; a expressão de carinho e afeto, com demonstrações de afeto para com o outro; apreciação global relativamente ao seu relacionamento; e por último, a intimidade e cumplicidade que se referem à proximidade, sentimento de pertença, abertura e familiaridade com o parceiro (Delatorre & Wagner, 2021).

A intimidade é assim um dos principais fatores de uma relação interpessoal seja esta amorosa ou de outra natureza (Clark & Reis, 1988; Isabel & Sinuché, 2006).

Embora muitos autores se tenham debruçado sobre o conceito de intimidade, a definição deste constructo não é considerada consensual. Hendrick e Hendrick (1986) definem intimidade como sendo o grau de proximidade entre duas pessoas. Por sua vez, Carvalho (2005) considera que o constructo representa a revelação daquilo que é mais privado de cada indivíduo, desvendando a sua personalidade, emoções e motivações mais profundas. A definição compreendida neste estudo é a preconizada Schaefer e Olson (1981) onde a intimidade é definida como um processo desenvolvido ao longo do tempo resultante da exposição e partilha de experiências íntimas. Defendem ainda que esta é composta por sete dimensões.

A primeira diz respeito à intimidade emocional ou validação pessoal, caracterizada pelo sentimento de apoio e compreensão entre os parceiros permitindo assim a autorrevelação; a intimidade social ou abertura ao exterior, refere-se à partilha de amigos comuns entre o casal; o seguinte tipo de intimidade considerada pelos autores é a intimidade intelectual ou comunicação onde é permitida a discussão de ideias e pontos de vista de assuntos do quotidiano; a intimidade sexual refere-se à proximidade física, afeto e atividade sexual do casal; por fim a intimidade recreacional relaciona-se com a partilha mútua de interesses e atividades de lazer; consideram ainda a intimidade espiritual referente à partilha de crenças ou religião e a intimidade estética que resulta da partilha entre o casal daquilo que é considerado estético. No entanto, estas últimas duas dimensões apresentam definições conceptuais empiricamente pouco claras (Moreira, Amaral e Canavarro, 2009).

Diversos estudos destacam a importância da satisfação da relação conjugal como esta sendo um fator importante no envolvimento do pai. Famílias que apresentam um maior nível de conflito ao nível conjugal tendem a registar uma menor participação ativa do pai na educação, afeto e brincadeiras com os seus filhos (Piskernik, & Ahnert, 2019). A não confirmação das expectativas que as mães têm relativamente ao desempenho do pai também apresenta uma influência na perceção da qualidade conjugal. Os pais que não correspondem às mesmas são percecionados pelo elemento materno como menos competentes criando um ambiente mais propício a conflitos e instabilidade no casal (Gallegos, 2019). Existe ainda uma relação amplamente estudada entre o comportamento infantil e a qualidade do relacionamento parental e conjugal. Pressupõe-se assim, que a manifestação de uma relação conjugal menos positiva terá impacto no relacionamento com os filhos e este terá influência no comportamento do mesmo (Erel & Burman, 1995) podendo adotar comportamentos mais agressivos e disruptivos.

Neste sentido, casais com elevados níveis de intimidade apresentam uma maior satisfação e qualidade conjugal (Sternberg, 1987). Segundo Mosmann (2007), elevados valores de satisfação conjugal representam também um aumento dos níveis de responsividade, adaptabilidade e coesão parental face aos seus filhos, existindo assim um maior envolvimento paterno.

### **As Crenças Paternas, o Envolvimento do Pai e a Intimidade Conjugal**

Ao longo das últimas décadas, tem-se vindo a observar um interesse crescente acerca do papel paterno e do reconhecimento da importância do mesmo, por parte dos próprios pais, no desenvolvimento infantil (Cabrera et al., 2014) assim como uma divisão de tarefas mais igualitárias entre o casal no que concerne aos cuidados dos filhos (Cabrera et al., 2000; Lima et al., 2008). Diversos autores consideram que o indivíduo se insere em diferentes sistemas intrinsecamente ligados, onde as circunstâncias e acontecimentos num sistema afetarão os restantes (Bronfenbrenner, 1977; Belsky 1984; Cabrera, 2014).

Bronfenbrenner, em 1977, desenvolveu a Teoria Ecológica de Sistemas do Desenvolvimento Humano que define o desenvolvimento infantil influenciado por diferentes sistemas presentes, de modo mais direto ou indireto, na vida da criança. Neste sentido, o autor definiu quatro sistemas influentes na vida do indivíduo: o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrossistema.

O microsistema caracteriza-se pelo nível mais próximo ao indivíduo, no qual são estabelecidas relações diretas, tendo assim uma maior influência no desenvolvimento da criança. Habitualmente, os ambientes que se encontram descritos neste sistema são a família, escola e amigos por serem as entidades com uma maior proximidade e relação direta com a criança. Os relacionamentos mantidos ao nível do microsistema caracterizam-se também pela sua bidirecionalidade, uma vez que a criança é influenciada pelos indivíduos com quem convive diretamente, como por exemplo os pais, mas também estes serão influenciados pela criança (Guy-Evans, 2020). Por sua vez, a interação entre os microsistemas onde a criança se encontra inserida é denominada por mesossistema. Deste modo, a partilha de informação e a comunicação positiva entre sistemas promoverá efeitos benéficos para o desenvolvimento da criança (Bronfenbrenner, 1977). No exossistema são incluídas estruturas sociais que influenciam de modo indireto a criança. Deste modo, as condições de emprego dos pais, embora não sejam diretamente frequentados pela criança, irão influenciar o seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1977). Por fim, o quinto sistema contemplado por Bronfenbrenner (1977), o

macrossistema, refere-se à posição mais distante relativamente ao indivíduo. São abrangidos diversos sistemas formais como o económico, político, jurídico, mas também por outros designados informais. Deste modo, a sociedade e a cultura na qual a criança se insere poderão ser considerados sistemas informais uma vez que, as normas, crenças e perceção que o indivíduo tem do mundo são influenciadas pelos macrossistemas sociedade e cultura.

Numa nova atualização do modelo, foi adicionado pelo autor o conceito de processos proximais. Estes processos caracterizam pela interação mútua entre o indivíduo e as pessoas ou objetos do seu ambiente, onde ambas se mantêm ativas com o estabelecimento, progressivamente mais complexo, entre estas interações (Bronfenbrenner, 1995). Para além disto, considera também que para ocorrer este processo de um modo adequado é importante a presença de um elemento estável presente ao longo do tempo (Diniz & Koller, 2010). Deste modo, a capacidade de uma boa adaptação no decorrer das mudanças inerentes à vida de um indivíduo poderá ser justificada pelo estabelecimento de uma relação segura e promotora de desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2005).

Tal como referido anteriormente, a cultura desempenha assim um papel importante na formação das crenças paternas. Deste modo, a expectativa gerada relativamente ao desempenho do papel do pai varia consoante o contexto em que o mesmo se insere, influenciando as suas práticas e envolvimento parental (Bornstein, 2012). Estas crenças terão também influência no sistema familiar, nomeadamente no subsistema conjugal. Após o nascimento de um filho, ocorre um desajuste da dinâmica familiar onde os casais, por vezes, passam a apresentar um menor nível de intimidade sendo necessário um trabalho ativo para a gestão deste conflito (Belsky, Lang & Rovine, 1985; Magagnin et al., 2003) de modo a proteger a relação diádica entre o casal. Contudo, se ocorrer uma reestruturação e boa adaptação a estas novas dinâmicas familiares poderá ser promovida e estabelecida uma maior intimidade e conseqüentemente uma melhoria da relação conjugal. No estudo realizado por Wong et al. (2009) os resultados demonstram que crenças mais igualitárias relacionam-se com uma maior probabilidade de existir uma vinculação segura entre pai-bebé. No entanto, esta ocorre apenas quando manifestada uma elevada satisfação conjugal (Wong et al., 2009). Assim sendo, a satisfação com a relação conjugal terá também influência no envolvimento manifestado pelo pai (Mosmann, 2007). Deste modo, pressupõe-se que quando existe um maior conflito no subsistema conjugal, este irá influenciar o subsistema parental verificando-se um menor nível de envolvimento nos cuidados prestados à criança. Para além da influência dos fatores pessoais e relacionais no envolvimento paterno o contexto laboral, inserido no exossistema, também terá impacto no mesmo. As exigências associadas ao cargo e o retorno financeiro poderão produzir

maiores níveis de *stress* influenciando o subsistema parental, fazendo com que o pai apresente uma menor disponibilidade para a manutenção da relação pai-filho (Cabrera et al., 2014).

Em suma, a intervenção num determinado sistema irá produzir efeito nos restantes, devido à permeabilidade entre os mesmos. Deste modo, o envolvimento do pai será assim afetado pelas suas crenças paternas e esta relação poderá ser mediada pela intimidade conjugal.

### **Hipóteses e Modelo Conceptual**

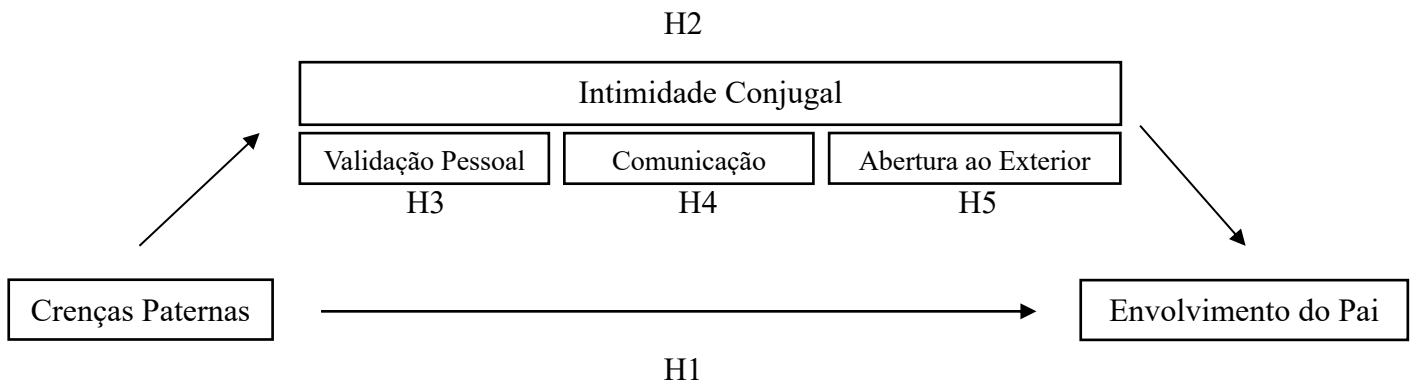
De acordo com a literatura pôde-se observar diversos estudos que relacionam a variável crenças paternas e envolvimento do pai (Palkovitz, 2002; Zvara & Shoppe-Sullivan, 2013; Liu et al., 2022). Neste sentido, pressupõe-se que crenças mais igualitárias acerca dos papéis de género e consequentes tarefas a ser desempenhadas pelos mesmos relacionam-se de forma positiva com o envolvimento manifestado pelo pai na prestação de cuidados, diretos ou indiretos, do seu filho.

Deste modo, é possível elaborar a primeira hipótese do estudo (H1): Crenças Paternas menos tradicionais influenciam positiva e significativamente o Envolvimento do Pai.

Esta relação, no entanto, poderá ainda ser explicada pela intimidade conjugal, uma vez que esta se apresenta como componente da satisfação conjugal. Embora não tenha sido encontrada literatura que fomente diretamente este modelo, foi apresentada uma relação entre as crenças paternas e a satisfação conjugal (Wong et al., 2009), assim como, a relação entre a intimidade conjugal e o envolvimento do pai (Coiro & Emery, 1998; Leve et al., 2001; Mehall et al., 2009). Neste sentido, hipotiza-se que (a relação entre as crenças paternas e o envolvimento do pai é mediada pela intimidade conjugal (H2). Especificamente, será também avaliado o papel mediador de cada uma das dimensões da intimidade, antecipando-se que a relação entre as crenças e o envolvimento paterno é mediado pela validação pessoal (H3), comunicação (H4) e abertura ao exterior (H5). O modelo a ser testado apresenta-se na figura 1.

**Figura 1**

*Modelo conceptual das hipóteses*



## Método

### Delineamento

Trata-se de um estudo quantitativo de carácter transversal, uma vez que a recolha de informações se realizou num espaço temporal específico existindo por isso apenas um único momento de avaliação e correlacional pois permite estabelecer uma relação entre duas ou mais variáveis (Tan, 2014), não sendo possível estabelecer relações de causalidade (Kesmodel, 2018).

### Participantes

A presente investigação contempla os seguintes critérios de inclusão: indivíduos do sexo masculino heterossexuais, com um filho/a até 3 anos e que coabitem com a mãe da criança. Estabeleceu-se como critério de exclusão, pais de bebés/crianças com diagnóstico médico que tenham impacto relevante no seu quotidiano (ex.: trissomia 21).

No total a investigação contou com a participação de 87 indivíduos. Contudo, após a análise das respostas, foram excluídos 4 protocolos de investigação. A eliminação destes protocolos deveu-se ao facto de os mesmos não cumprirem um dos critérios de inclusão previamente fornecidos: não coabitavam com a mãe da criança.

A amostra final consistiu em 83 participantes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 24 e 55 anos ( $M = 36.35$  anos,  $DP = 0.70$ ) sendo o grau de habilitações

literárias mais frequente o “Ensino Secundário” representado por 49.4% da população inquirida.

No que concerne às restantes características sociodemográficas, os participantes vivem, em média, há 7,98 anos com as suas companheiras e mais da maioria (57.8%) considera a qualidade da sua relação conjugal como “Plenamente Satisfatória”. A maioria dos pais (85.5%) acompanhou a companheira nas consultas durante a gestação, assistiu ao parto (66.3%) e usufruíram da licença parental inicial (85.5%) e partilhada (63.9%). Cerca de 71.1% consideraram que tanto o pai quanto a mãe são os principais cuidadores dos filhos e 10.8% refere apenas a mãe como a principal cuidadora. Os restantes inquiridos consideram que para além dos pais, também os avós, creches e tios como principais cuidadores (15.6%). Por fim, apenas 1.2% considera apenas o pai como principal cuidador e igualmente 1.2% considera que tanto a mãe quanto a avó desempenham a função de principais cuidadoras.

As crianças apresentam idades entre 1 mês e 41 meses ( $M = 20.25$  meses;  $DP = 8.99$ ) e mais de metade (53%) era do sexo feminino.

## **Instrumentos**

### ***Questionário Sociodemográfico***

De forma a fazer uma caracterização detalhada da amostra inquirida, foram realizadas um conjunto de questões sociodemográficas. As informações solicitadas, presente no Anexo A, dizem respeito à idade, habilitação literária, tempo de coabitação, perceção da qualidade conjugal, participação durante a gestação e parto, usufruto da licença de paternidade, idade e sexo do bebé.

### ***Escala Papel do Pai (EPP)***

A variável crenças paternas, foi operacionalizada através da Escala Papel do Pai (Monteiro, Torres, Veríssimo, Pessoa e Costa & Freitas, 2015) que pretende avaliar as crenças associadas ao desempenho da sua função parental.

Esta escala, que poderá ser consultada no Anexo B, é composta por 15 itens cotados numa escala de *Likert* de 5 pontos, variando entre 5 - “Concordo fortemente” e 1 - “Discordo fortemente”. Alguns exemplos de perguntas poderão ser o item 1 – “O pai deve passar mais

tempo a interagir com os seus filhos, do que a trabalhar” ou o item 14 “Garantir a estabilidade financeira dos seus filhos é a melhor forma de um pai demonstrar que se preocupa com eles” que representam tipos de crenças manifestadas ou não por cada participante.

Tal como no artigo de validação da escala para a população portuguesa, os itens 6 “As responsabilidades da parentalidade nunca ofuscam as alegrias de ser pai” e o item 11 “o pai é tão sensível nos cuidados aos filhos como a mãe” foram retirados da análise da consistência interna. Os itens 3, 4, 8, 12 e 14 foram invertidos.

O cálculo da escala é realizado através da soma de todos os itens como propõe o artigo da escala original sendo que, pontuações mais elevadas revelam a existência de crenças mais igualitárias referentes ao papel do pai. Esta escala apresenta um nível aceitável de consistência interna ( $\alpha = .76$ ) (George & Mallery, 2019).

### ***Escala do Envolvimento Parental (EEP)***

A variável Envolvimento do Pai, foi avaliada através da Escala de Envolvimento Parental adaptada por Simões, Leal e Marôco (2010) para a população portuguesa apresentada no Anexo C.

A escala pretende avaliar a divisão das tarefas de responsabilidade parental entre o pai e a mãe. Esta, consiste num questionário de autorresposta composto por 21 itens avaliados numa escala de *Likert* de 5 pontos, variando entre 5 - “Sempre” e 1 - “Nunca”, divididos em 4 dimensões: Cuidados - itens 1, 5, 6, 7, 8 e 21 (exemplo: item 1 “Com que frequência realiza as seguintes atividades: Alimentar a criança”); Disponibilidade – itens 9, 10, 11, 12, 13 e 14 (exemplo: item 9 “Com que frequência você está: fora de casa e longe da criança durante semanas e meses”); Presença – itens 15, 16, 17 e 18 (Exemplo: item 18 “Com que frequência você está: Em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família”); Disciplina – itens 3, 4 e 19 (Exemplo: item 3 “Com que frequência realiza as seguintes atividades: Castigar a criança”).

A pontuação da escala total e das suas subescalas é calculada através da média dos itens respetivos tal como proposto no artigo original da escala. Neste sentido, valores mais altos relacionam-se com um maior envolvimento do pai. Os itens 9, 10, 11, 12, 13 e 14 foram invertidos.

Relativamente à consistência interna da escala global esta apresenta um valor aceitável de 0.80. No que concerne às 4 dimensões avaliadas revelaram-se valores questionáveis para a

subescala Presença ( $\alpha = .64$ ), valores aceitáveis para os Cuidados ( $\alpha = .71$ ) e valores excelentes para a Disponibilidade ( $\alpha = .93$ ). Porém, a dimensão Disciplina apresenta um valor de consistência interna abaixo do aceitável ( $\alpha = .46$ ). Apesar deste resultado, as análises realizadas ao longo do estudo serão efetuadas apenas utilizando a escala global que apresenta um valor aceitável de consistência interna tal como referido anteriormente ( $\alpha = .80$ ) (George & Mallery, 2019).

### ***Escala de Avaliação da Intimidade na Relação (PAIR)***

A variável Intimidade Conjugal, foi mensurada através da Escala de Avaliação da Intimidade na Relação (PAIR), adaptada por Moreira, Amaral e Canavarro (2009) para a população portuguesa disponível no Anexo D.

A escala pretende avaliar a perceção do nível de intimidade percebida pelo indivíduo na relação conjugal. Esta é composta por 35 itens avaliados numa escala de *Likert* de 5 pontos onde 1 corresponde a “Discordo fortemente” e 5 a “Concordo fortemente”.

Embora a escala original de Schafer e Olson (1981) contemple 5 dimensões, na versão portuguesa, são contempladas apenas 3 devido aos resultados obtidos na análise fatorial. Assim sendo, os 3 fatores presentes na escala são: a Validação Pessoal composta pelos itens, 8, 9, 10, 11, 13, 16, 21, 22, 25, 27, 28, 30, 31, 32 (exemplo: item 8 – “Normalmente isolamo-nos dos outros”); a Comunicação que engloba os itens 1, 3, 4, 5, 7, 15, 17, 19, 33, 34 (exemplo: item 1 “A minha companheira escuta-me quando preciso de falar com alguém”); a Abertura ao Exterior que contém os itens 2, 14, 20, 23, 26 (exemplo: item 2 Gostamos de passar tempo com outros casais”). O instrumento conta ainda com a escala de Convencionalidade composta pelos itens 6, 12, 18, 24, 29, 35 (exemplo: item 18 “Cada coisa nova que aprendi sobre a minha companheira agradou-me” que pretende avaliar o grau de desabilidade social. Por esta informação ser relevante a nível clínico e particular de cada indivíduo não foi avaliada neste estudo.

A pontuação da escala total e das suas subescalas é calculada através da média dos itens respetivos. tal como proposto no artigo original da escala. Neste sentido, valores mais altos relacionam-se com uma maior intimidade conjugal. Os itens 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 21, 22, 25, 27, 28, 30, 31, 32 e 35 foram invertidos.

No atual estudo, a escala apresentou uma consistência interna excelente ( $\alpha = .95$ ) (George & Mallery, 2019). Verificou-se ainda que o valor médio de respostas de 3.68 para a escala global e um desvio padrão de 0.56.

No que respeita aos valores de consistência interna das dimensões apuradas, revelaram-se valores excelentes para a dimensão Validação Pessoal ( $\alpha = .91$ ), bons para a Comunicação ( $\alpha = .85$ ) e aceitáveis para a dimensão Abertura ao Exterior ( $\alpha = .76$ ) (George & Mallery, 2019).

## **Procedimento**

Após a análise e escolha dos instrumentos de avaliação iniciou-se a construção da proposta do protocolo de investigação que viria a ser aceite pela Comissão de Ética do ISPA – Instituto Universitário. De seguida, foram criados os questionários em papel que viriam a ser distribuídos pelos colégios parceiros da região metropolitana de Lisboa e o mesmo em versão *online* através da plataforma *Google Forms*. Após a revisão e aprovação os mesmos foram distribuídos pelas entidades de ensino e divulgadas através das plataformas digitais *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*.

O método de amostragem é assim uma amostra por conveniência resultando numa amostra não probabilística. No primeiro contacto com o diretor de cada um dos colégios foi entregue o protocolo de investigação com uma breve descrição do presente estudo (Anexo E). Após a autorização para a recolha de dados, os questionários foram entregues dentro de envelopes a um elemento do colégio que ficou responsável pela distribuição dos mesmos a cada um dos pais que cumpria o critério de idade de ter um/a filho/a até 3 anos. Assim, os pais levaram consigo os questionários e quando concluídos voltaram a entregar ao mesmo responsável dentro do envelope fechado de modo a preservar o anonimato e confidencialidade. A recolha dos envelopes respondidos foi realizada por mim mediante a combinação prévia com o colégio da data de recolha. Juntamente com o questionário, foi entregue também o consentimento informado onde os participantes assinam caso aceitem as condições e termos do estudo validando o seu interesse voluntário na participação do mesmo (Anexo F). Posteriormente, para a realização da análise dos resultados, esta folha foi destacada do restante questionário para que não exista uma associação com as respostas fornecidas por cada indivíduo.

## Análise de dados

O tratamento de dados estatísticos foi feito com recurso ao programa *IBM SPSS Statistics* 28, juntamente com a extensão *MACRO Process* para a realização da análise de mediação.

Inicialmente foi realizada uma análise de correlação de *Pearson* com todas as variáveis e posteriormente efetuada uma associação entre as crenças paternas e o envolvimento do pai através de uma regressão linear simples. Este é um procedimento estatístico utilizado para medir a associação entre duas variáveis, sendo possível prever a variável critério a partir de uma variável preditora (Bryman & Cramer, 2003). Os resultados são analisados de acordo com o nível de significância igual ou inferior a 0.05.

A mediação consiste num método estatístico que explica que a relação existente entre a variável independente e a dependente é explicada por uma terceira variável, denominada variável mediadora. Para a confirmação da existência de uma mediação significativa é necessário que: a relação entre a variável independente e dependente, ou seja, o efeito total seja significativo (representado pela letra *c*); a variável independente se relacione de forma significativa com a variável mediadora (representada pela letra *a*); a variável mediadora se relacione significativamente com a variável dependente (representada pela letra *b*); e, por fim, que o efeito indireto, calculado através da expressão ( $a*b$ ), seja também significativo.

Numa mediação é nos ainda fornecida a informação acerca do efeito direto das variáveis em estudo, representado por *c'*. Este refere-se à relação entre a variável independente e dependente quando se controla a variável mediadora. Neste sentido, as mediações poderão ser totais ou parciais. Verifica-se uma mediação total quando o efeito direto é não significativo. Por outro lado, numa mediação parcial o efeito direto é significativo, ou seja, a relação entre a variável independente e dependente mantém-se significativa quando se controla a variável mediadora. Os resultados são analisados de acordo com o nível de significância igual ou inferior a 0.05, com um intervalo de confiança de 95% e os valores *bootstrap* não deverão incluir o 0 para que estes possam ser considerados significativos (Hayes, 2022).

Será assim realizado um modelo de mediação com a variável intimidade e posteriormente serão também testados três modelos de mediação com cada uma das dimensões (validação pessoal, comunicação e abertura ao exterior) como mediadoras.

## Resultados

A presente secção destina-se à apresentação dos resultados e a verificação da existência de uma relação entre as crenças paternas e o envolvimento do pai em indivíduos do sexo masculino com pelo menos um filho com idade compreendida entre os 0 e os 3 anos e que coabitem com a mãe do mesmo. Posteriormente, é ainda testada a influência da intimidade conjugal e das suas componentes, validação pessoal, comunicação e abertura ao exterior, enquanto variáveis mediadoras da relação previamente descrita.

### Resultados Descritivos

De acordo com as respostas obtidas pôde-se verificar que, em relação à variável crenças paternas, (numa escala que varia entre 15 e 75) os participantes apresentam em média 61.03 ( $DP = 5.08$ ). Este valor, sendo acima do ponto médio da escala (45), indica que a população inquirida apresenta níveis elevados de crenças igualitárias relativamente ao desempenho do papel do pai. De seguida, relativamente à escala envolvimento do pai, que varia entre 1 e 5, a pontuação média foi de 3.68 ( $DP = 0.46$ ) o que demonstra um elevado envolvimento geral dos pais nos cuidados prestados às crianças. Por fim, verificou-se ainda que os pais apresentam altos níveis de intimidade conjugal com as suas parceiras tendo-se obtido (numa escala que varia entre 1 e 5) uma média de 4.06 ( $DP = 0.56$ ).

Seguidamente, a fim de perceber a influência das variáveis sociodemográficas nas variáveis em estudo realizou-se a uma análise correlacional entre as mesmas que pode ser observada na Tabela 1.

Através desta análise verificou-se que nenhuma variável sociodemográfica apresentou uma associação significativa com as três variáveis de estudo em simultâneo optando-se por não considerar nenhuma como covariável na atual investigação. Independentemente disso, apresentam-se de seguida todas as correlações significativas verificadas entre variáveis sociodemográficas e entre estas e as variáveis em estudo.

De acordo com os dados fornecidos na Tabela 1, pôde-se verificar que as crenças paternas ( $r(81) = .25$ ;  $p = .021$ ), intimidade conjugal ( $r(81) = .35$ ;  $p = .001$ ), validação pessoal ( $r(81) = .40$ ;  $p < .001$ ) e comunicação ( $r(81) = .41$ ;  $p < .001$ ) se relacionam de forma positiva e significativa com o envolvimento do pai. Foi também verificada uma correlação positiva e significativa entre o acompanhamento da mãe às consultas durante o período gestacional e o envolvimento ( $r(81) = .30$ ;  $p = .006$ ). Contudo, as variáveis idade do participante ( $r(81) = -.27$ ;

$p = .013$ ) e o tempo de coabitação ( $r(81) = -.36; p < .001$ ) embora expressem uma correlação significativa estas correlacionam-se de modo negativo com o envolvimento do pai.

Relativamente às crenças paternas estas apresentam-se positiva e significativamente correlacionadas com a intimidade conjugal ( $r(81) = .55; p < .001$ ) e as suas três componentes nomeadamente a validação pessoal ( $r(81) = .43; p < .001$ ), a comunicação ( $r(81) = .49; p < .001$ ) e a abertura ao exterior ( $r(81) = .52; p < .001$ ). Para além destas relações, foram também observadas correlações significativas e positivas com a qualidade conjugal ( $r(81) = .26; p = .017$ ), com o assistir ao Parto ( $r(81) = .27; p = .015$ ) e com a licença parental partilhada ( $r(81) = .25; p = .024$ ).

De seguida, a intimidade conjugal apresenta-se positiva e significativamente correlacionada com as suas componentes validação pessoal ( $r(81) = .90; p < .001$ ), comunicação ( $r(81) = .91; p < .001$ ) e abertura ao exterior ( $r(81) = .81; p < .001$ ). O mesmo se verifica com as variáveis qualidade conjugal ( $r(81) = .66; p < .001$ ), assistir ao parto ( $r(81) = .28; p = .009$ ) e com o sexo da criança ( $r(81) = .23; p = .040$ ).

A validação pessoal relaciona-se positiva e significativamente com comunicação ( $r(81) = .87; p < .001$ ) e abertura ao exterior ( $r(81) = .51; p < .001$ ). O mesmo se verifica com as variáveis qualidade conjugal ( $r(81) = .66; p < .001$ ), assistir ao parto ( $r(81) = .24; p = .027$ ) e usufruir da licença de paternidade inicial ( $r(81) = .23; p = .041$ ). Por sua vez, a variável coabitação também se correlaciona significativamente, mas de modo negativo ( $r(81) = .23; p = .039$ ).

A comunicação correlaciona-se positiva e significativamente com a abertura ao exterior ( $r(81) = .55; p < .001$ ), com a qualidade conjugal ( $r(81) = .63; p < .001$ ), com o assistir ao momento do parto ( $r(81) = .26; p = .019$ ) e com as habilitações literárias do pai ( $r(81) = .26; p = .018$ ).

Por sua vez, a abertura ao exterior apresenta correlações positivas e significativas com a qualidade conjugal ( $r(81) = .44; p < .001$ ), o assistir ao parto ( $r(81) = .24; p < .027$ ) e com o sexo da criança ( $r(81) = .27; p = .013$ ).

A idade correlaciona-se de forma positiva e significativa com o tempo de coabitação ( $r(81) = .43; p < .001$ ) e com o acompanhamento da mãe às consultas durante a gestação ( $r(81) = .27; p = .016$ ).

De acordo com os dados observados, o tempo de coabitação do casal correlaciona-se negativa e significativamente com a participação, acompanhando a mãe, nas consultas gestacionais ( $r(81) = -.46; p < .001$ ), com o usufruto da licença parental inicial ( $r(81) = .28; p = .011$ ) e com a idade da criança ( $r(81) = .32; p = .003$ ).

A qualidade conjugal correlaciona-se significativa e positivamente ainda com o usufruto da licença parental inicial ( $r(81) = .26; p = .017$ ) e com o sexo da criança ( $r(81) = .31; p = .005$ ).

A variável consultas relaciona-se positiva e significativamente com o usufruto da licença parental inicial ( $r(81) = .22; p = .045$ ) e negativamente com a idade da criança ( $r(81) = -.36; p < .001$ ).

O pai assistir ao parto demonstra-se positiva e significativamente correlacionado com o usufruto da licença parental partilhada ( $r(81) = .26; p = .018$ ) e negativamente com a idade da criança ( $r(81) = -.28; p = .011$ ).

Por fim, os resultados demonstram uma correlação positiva e significativa entre a licença parental inicial e o usufruto da licença parental partilhada ( $r(81) = .48; p < .001$ ).

**Tabela 1***Correlações entre variáveis (N = 83)*

	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>3.1</b>	<b>3.2</b>	<b>3.3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>13</b>
<b>1. Envolvimento</b>	1	.25*	.35**	.40**	.41**	.13	-.27*	.12	-.36**	.16	.30**	-.12	.06	.04	-.01	.06
<b>2. Crenças</b>		1	.55**	.43**	.49**	.52**	.13	.15	-.08	.26*	.02	.27*	.19	.25*	.20	-.04
<b>3. Intimidade Conjugal</b>			1	.90**	.91**	.81**	.01	.16	-.14	.66**	.14	.28**	.20	.17	.23*	-.08
<b>3.1. Validação Pessoal</b>				1	.87**	.51**	-.07	.10	-.23*	.66**	.16	.24*	.23*	.12	.17	-.07
<b>3.2. Comunicação</b>					1	.55**	-.04	.26*	-.11	.63**	.14	.26*	.18	.13	.13	-.02
<b>3.3. Abertura ao Exterior</b>						1	.11	.09	-.03	.44**	.08	.24*	.13	.18	.27*	-.11
<b>4. Idade</b>							1	.08	.43**	.01	-.27*	-.06	-.03	-.01	.10	.08
<b>5. Habilidades Literárias</b>								1	.04	.01	.09	.03	-.18	-.13	-.07	-.02
<b>6. Coabitação</b>									1	-.11	-.46**	-.04	-.28*	-.17	.14	.32**
<b>7. Qualidade Conjugal</b>										1	.10	.07	.26*	.15	.31**	0.10
<b>8. Consultas</b>											1	-.00	.22*	.19	.03	-.36**
<b>9. Parto</b>												1	.21	.26*	.20	-.28*
<b>10. Licença Inicial</b>													1	.48**	.16	-.10
<b>11. Licença Partilhada</b>														1	.20	-.10
<b>12. Sexo da Criança</b>															1	.06
<b>13. Idade da Criança</b>																1

\* $p \leq 0.05$ , \*\* $p < 0.01$

## Associação entre Crenças e Envolvimento Paterno

A primeira hipótese de investigação assenta na premissa que “Crenças Paternas menos tradicionais influenciam positiva e significativamente o Envolvimento do Pai”, para este efeito foi realizada uma análise de regressão linear simples. Através da análise dos resultados apresentados na Tabela 2, verificou-se um modelo estatisticamente significativo ( $R^2 = 0.06$ ,  $F(1, 81) = 5.57$ ,  $p = .021$ ). Verificando-se que as Crenças Paternas influenciam significativamente o Envolvimento do Pai ( $\beta = 0.02$ ,  $p = .021$ ), apoiando a hipótese 1.

**Tabela 2**

*Resultados de Regressão Linear Simples*

Variáveis	Envolvimento do Pai	
	$\beta$	SE
Crenças Paternas	0.02*	0.01

$R^2 = 0.06$

$F = 5.57$

\* $p \leq 0.05$ ,  $p < 0.001$ \*\* . N = 83. Estão reportados os coeficientes não estandardizados. SE = Desvio-padrão

## Crenças e Envolvimento Paterno: O Papel mediador da Intimidade Conjugal

A segunda hipótese testada foi “A relação entre as Crenças Paternas e o Envolvimento do Pai é mediada pela Intimidade Conjugal”, para este efeito realizou-se uma análise de mediação.

No presente estudo, os resultados obtidos demonstram um efeito total das crenças no envolvimento (efeito *c*) significativo ( $\beta = 0.023$ ,  $t = 2.36$ ,  $p = .021$ ). Os resultados demonstraram também que as crenças explicam significativamente a intimidade conjugal (efeito *a*) ( $p < .001$ ). Relativamente à relação estabelecida entre a intimidade conjugal e o Envolvimento (efeito *b*), confirmou-se também uma influência positiva e estatisticamente significativa ( $p = .018$ ).

Adicionalmente, verificou-se um efeito das crenças no envolvimento, mediado pela intimidade conjugal (efeito indireto  $a*b$ ). Este efeito verificou-se significativo, sendo que o

intervalo de confiança de 95% para o efeito indireto das crenças no envolvimento por meio da intimidade conjugal (0.002; 0.031) não incluía o zero (Hayes, 2022). Por fim, o efeito direto ( $c'$ ) das crenças no envolvimento verificou-se não significativo ( $\beta = 0.01$ .;  $t = 0.70$ ;  $p = .489$ ), o que indicou uma mediação total. Isto significa que as crenças paternas apresentam um efeito no envolvimento do pai através da intimidade conjugal, passando este efeito a não ser significativo quando esta variável é controlada. Estes resultados apoiaram assim, a hipótese 2 deste estudo.

**Tabela 3**

*Efeito das Crenças Paternas no Envolvimento do Pai através da Intimidade Conjugal*

	Coeff	SE	t	p	LLCI	ULCI
Crenças Paternas → Intimidade Conjugal (a)	0.060	0.010	5.951	< .001**	0.040	0.081
Intimidade Conjugal → Envolvimento do Pai (b)	0.249	0.103	2.415	.018*	0.044	0.455
Efeito total (c)	0.023	0.010	2.360	.021*	0.004	0.042
Efeito direto (c')	0.008	0.011	0.695	.489	-0.015	0.030
	Effect	Boo SE		Boo 95% LLCI		Boo 95% ULCI
Efeito indireto (a*b)	0.015	0.007		0.002		0.031
R <sup>2</sup> = 0.064						

\* $p \leq 0.05$ ,  $p < 0.001$ \*\* . N = 83. Estão reportados os coeficientes não estandardizados. 5000 amostras *bootstrap*; Coeff – Coeficiente; SE – Desvio-padrão; LLCI – Limite Inferior; ULCI – Limite Superior; Boo = Resultados *Bootstrap*.

## **Análises de Mediação das Componentes da Intimidade Conjugal**

Dada a observação da intimidade enquanto mediadora, tomou-se a decisão de aprofundar os resultados analisando as contribuições específicas de cada uma das suas dimensões na relação principal.

Primeiramente, analisou-se a relação entre as crenças paternas e o envolvimento do pai e o papel mediador da validação pessoal.

No presente estudo, os resultados obtidos demonstram um efeito total das crenças no envolvimento (efeito *c*) significativo ( $\beta = 0.023, t = 2.36, p = .021$ ). Os resultados demonstraram também que as crenças paternas explicam significativamente a validação pessoal (efeito *a*) ( $p < .001$ ). Relativamente à relação estabelecida entre a validação pessoal e o envolvimento (efeito *b*), confirmou-se também uma influência positiva e estatisticamente significativa ( $p = .002$ ).

Adicionalmente, verificou-se um efeito das crenças no envolvimento, mediado pela validação pessoal (efeito indireto  $a*b$ ). Este efeito verificou-se significativo, sendo que o intervalo de confiança de 95% para o efeito indireto das crenças no envolvimento por meio da validação pessoal (0.003; 0.028) não incluía o zero (Hayes, 2022). Por fim, o efeito direto ( $c'$ ) das crenças no envolvimento verificou-se não significativo ( $\beta = 0.009.; t = 0.904; p = .369$ ), o que indicou uma mediação total. Isto significa que as crenças paternas apresentam um efeito no envolvimento do pai através da validação pessoal, passando este efeito a não ser significativo quando esta variável é controlada. Estes resultados apoiaram assim, a hipótese 3 deste estudo.

**Tabela 4***Efeito das Crenças Paternas no Envolvimento do Pai através da Validação Pessoal*

	Coeff	SE	t	<i>p</i>	LLCI	ULCI
Crenças Paternas → Validação Pessoal (a)	0.059	0.014	4.263	< .001**	0.032	0.087
Validação Pessoal → Envolvimento do Pai (b)	0.231	0.074	3.136	.002*	0.084	0.378
Efeito total (c)	0.023	0.010	2.360	.021*	0.004	0.042
Efeito direto (c')	0.009	0.010	0.904	.369	-0.011	0.030
	Effect	Boo SE			Boo 95% LLCI	Boo 95% ULCI
Efeito indireto (a*b)	0.014	0.006			0.003	0.028
R <sup>2</sup> = 0.183						

\* $p \leq 0.05$ ,  $p < 0.001$ \*\* . N = 83. Estão reportados os coeficientes não estandardizados. 5000 amostras *bootstrap*; Coeff – Coeficiente; SE – Desvio-padrão; LLCI – Limite Inferior; ULCI – Limite Superior; Boo = Resultados *Bootstrap*.

De seguida, testou-se “A relação entre as Crenças Paternas e o Envolvimento do Pai é mediada pela Comunicação”.

Os resultados demonstraram também que as crenças paternas explicam significativamente a comunicação (efeito *a*) ( $p < .001$ ). Relativamente à relação estabelecida entre a comunicação e o envolvimento (efeito *b*), confirmou-se também uma influência positiva e estatisticamente significativa ( $p = .002$ ).

Adicionalmente, verificou-se um efeito das crenças no envolvimento, mediado pela comunicação (efeito indireto *a\*b*). Este efeito verificou-se significativo, sendo que o intervalo de confiança de 95% para o efeito indireto das crenças no envolvimento por meio da comunicação (0.006; 0.030) não incluía o zero (Hayes, 2022). Por fim, o efeito direto (*c'*) das crenças no envolvimento verificou-se não significativo ( $\beta = 0.006$ ;  $t = 0.590$ ;  $p = .557$ ), o que indicou uma mediação total. Isto significa que as crenças paternas apresentam um efeito no

envolvimento do pai através da comunicação, passando este efeito a não ser significativo quando esta variável é controlada.

Estes resultados apoiaram assim, a quarta hipótese deste estudo.

**Tabela 5**

*Efeito das Crenças Paternas no Envolvimento do Pai através da Comunicação*

	Coeff	SE	t	p	LLCI	ULCI
Crenças Paternas → Comunicação (a)	0.050	0.010	5.102	< .001**	0.031	0.070
Comunicação → Envolvimento do Pai (b)	0.330	0.103	3.199	.002*	0.125	0.536
Efeito total (c)	0.023	0.010	2.360	.021*	0.004	0.042
Efeito direto (c')	0.006	0.011	0.590	.557	-0.015	0.027
	Effect	Boo SE	Boo 95% LLCI		Boo 95% ULCI	
Efeito indireto (a*b) R <sup>2</sup> = 0.243	0.017	0.006	0.006		0.030	

\* $p \leq 0.05$ ,  $p < 0.001$ \*\* . N = 83. Estão reportados os coeficientes não estandardizados. 5000 amostras *bootstrap*; Coeff – Coeficiente; SE – Desvio-padrão; LLCI – Limite Inferior; ULCI – Limite Superior; Boo = Resultados *Bootstrap*.

Por fim, a quinta hipótese testada foi “A relação entre as Crenças Paternas e o Envolvimento do Pai é mediada pela Abertura ao Exterior”.

Os resultados demonstraram também que as crenças paternas explicam significativamente a abertura ao exterior (efeito *a*) ( $p < .001$ ). Relativamente à relação estabelecida entre a abertura ao exterior e o envolvimento (efeito *b*), não se confirmou uma influência estatisticamente significativa ( $p = .997$ ). Neste sentido, não se verificou um efeito das crenças no envolvimento, mediado pela abertura ao exterior (efeito indireto *a\*b*) uma vez que este efeito (-0.011; 0.011) incluía o zero (Hayes, 2022).

Estes resultados não apoiam assim, a quinta hipótese deste estudo.

**Tabela 6***Efeito das Crenças Paternas no Envolvimento do Pai através da Abertura ao Exterior*

	Coeff	SE	t	p	LLCI	ULCI
Crenças Paternas → Abertura ao Exterior (a)	0.071	0.013	5.482	< .001**	0.046	0.097
Abertura ao Exterior → Envolvimento do Pai (b)	0.000	0.083	0.004	.997	-0.165	0.166
Efeito total (c)	0.023	0.010	2.360	.021*	0.004	0.042
Efeito direto (c')	0.023	0.011	2.001	.049	0.000	0.046
	Effect	Boo SE	Boo 95% LLCI		Boo 95% ULCI	
Efeito indireto (a*b) R <sup>2</sup> = 0.064	0.000	0.006	-0.011		0.011	

\* $p \leq 0.05$ ,  $p < 0.001$ \*\* . N = 83. Estão reportados os coeficientes não estandardizados. 5000 amostras *bootstrap*; Coeff – Coeficiente; SE – Desvio-padrão; LLCI – Limite Inferior; ULCI – Limite Superior; Boo = Resultados *Bootstrap*.

## Discussão

O presente estudo teve como objetivo estudar a relação entre as crenças paternas e o envolvimento do pai em indivíduos do sexo masculino com pelo menos um filho com idade compreendida entre os 0 e os 3 anos e que coabitem com a mãe do mesmo. Posteriormente testou-se o papel mediador da intimidade conjugal e das suas dimensões validação pessoal, comunicação e abertura ao exterior enquanto variáveis mediadoras da relação previamente descrita.

De acordo com os resultados descritivos pôde-se observar que em todas as escalas aplicadas os participantes apresentaram valores acima do ponto médio definido. Estes resultados, para escala que avalia as crenças paternas, representam a manifestação de crenças mais igualitárias, de acordo com o papel desempenhado pelo pai face aos cuidados da criança (Monteiro et al., 2015). No que concerne à intimidade conjugal, a percepção dos indivíduos demonstra-se favorável à existência níveis positivos e satisfatórios entre o casal (Moreira et al., 2009). Relativamente ao envolvimento paterno, este apresenta-se também positivo, indicando uma participação ativa dos pais nos cuidados diretos e indiretos às crianças (Simões, Leal & Marôco, 2010).

As variáveis de estudo crenças paternas e envolvimento do pai apresentam-se positiva e significativamente correlacionadas entre si. Deste modo, foi realizada uma regressão linear simples para testar a validade da primeira hipótese. Os resultados obtidos apoiam assim a hipótese em que se verifica que crenças mais igualitárias influenciam um maior envolvimento do pai. Assim sendo, estes resultados são semelhantes aos descritos na literatura, como por exemplo, no estudo conduzido por Liu et al. (2022) onde reportam que as crenças paternas acerca do papel que o pai deverá desempenhar influenciam significativamente o envolvimento que o pai apresenta na criação e cuidados com o seu filho. A perspetiva apresentada reforça ainda a mudança de paradigma que se assiste ao longo dos últimos anos, onde se observa um reconhecimento pelo próprio pai da importância do seu papel no desenvolvimento da criança (Cabrera et al., 2014) e uma distribuição cada vez mais igualitária das tarefas a serem desempenhadas pelo pai e pela mãe (Cabrera et al., 2000; Lima et al., 2008).

Foi ainda realizada uma mediação de modo a verificar se a variável intimidade conjugal poderia explicar a relação entre as variáveis previamente descritas. Esta mediação confirmou-se como total para a amostra inquirida, indicando que esta é uma componente fundamental para a relação entre as crenças paternas e o envolvimento do pai. Estes resultados apoiam a segunda hipótese presente no estudo apontando que pais que apresentam crenças mais igualitárias

apresentam um maior envolvimento paterno e esta relação é mediada pela existência de uma boa intimidade conjugal. Este resultado reforça a ideia de que os acontecimentos que ocorrem num determinado sistema irão produzir efeito nos restantes (Bronfenbrenner, 1977; Belsky 1984; Cabrera, 2014). Neste sentido, prevê-se que a manifestação de crenças paternas mais igualitárias, inseridas no macrossistema fortemente influenciado pela cultura, irão promover maior intimidade no subsistema conjugal e este terá influência na manifestação de um envolvimento mais ativo por parte do pai. Deste mesmo modo, é possível observar que quando existe um conflito entre o casal existe uma repercussão no sistema parental com a manifestação de menores níveis de envolvimento na educação, nos momentos de lazer e brincadeira e de afeto (Piskernik, & Ahnert, 2019).

Dadas estas informações, foi decidido aprofundar os resultados e entender as contribuições específicas de cada uma das dimensões que constituem a intimidade na relação principal entre as crenças paternas e o envolvimento do pai. Assim sendo, realizaram-se separadamente mais três análises de mediação.

Tanto a dimensão validação pessoal, baseada na compreensão e apoio entre os elementos casal que permitem a autorrevelação, quanto a comunicação, caracterizada pela discussão de ideias e pontos de vista de assuntos do quotidiano (Schaefer & Olson, 1981), apresentam valores significativos indicando uma mediação total face à relação principal em estudo, apoiando assim a terceira e quarta hipótese do estudo. Contudo, ao realizar uma comparação entre as variáveis, a comunicação entre o casal apresenta-se como a dimensão que melhor explica a associação entre as crenças paternas e o envolvimento do pai. Estes resultados demonstram-se pertinentes para a prática clínica uma vez que, estas competências são passíveis de serem trabalhadas em conjunto através da terapia de casal. Este tipo de terapia tem como um dos principais focos a promoção de uma comunicação positiva e eficaz e a expressão da autorrevelação emocional (Benson, McGinn & Christensen, 2012). Neste sentido, ao entender a influência destas duas componentes é possível realizar um trabalho terapêutico em conjunto com o casal e produzir um efeito nos cuidados, educação e atitudes para com os filhos.

Por sua vez, a dimensão abertura ao exterior encontra-se correlacionada com a variável crenças, mas não apresenta uma correlação significativa com o envolvimento do pai. Foi ainda testado o modelo de mediação, verificando que a mesma não apresenta uma influência estatisticamente significativa na associação principal. Neste sentido, os resultados não apoiam a quinta hipótese do estudo. A variável mediadora abertura ao exterior refere-se à partilha de amigos entre o casal sendo este um dos componentes da sua intimidade. No entanto, existem fatores externos como por exemplo a nacionalidade de um ou dos dois elementos do casal,

informações não analisadas no presente estudo, que poderão ter tido influência neste resultado. A não partilha do mesmo círculo social poderá ser mais comum em imigrantes onde existiu uma perda das relações anteriormente estabelecidas no país de origem e a uma maior dificuldade na criação de novas amizades no país de acolhimento aumentando assim o isolamento social do casal (Teixeira & Dias, 2016).

Por fim, embora a nível geral os resultados se tenham mostrados positivos, ainda existe uma importante percentagem de indivíduos (10.8%) que consideraram a mãe como a principal cuidadora. Neste sentido, reforça-se a continuação de um trabalho coletivo social na divulgação de informações acerca da importância do envolvimento dos pais no desenvolvimento saudável cognitivo, comportamental e emocional dos seus filhos (Bronte-Tinkew et al., 2008; Allport et al., 2018). Consideram-se ainda que os resultados obtidos fortalecem a importância de analisar as diferentes dimensões que constituem a vida de um indivíduo em contexto terapêutico. A utilização de uma perspetiva sistémica que englobe todas as relações estabelecidas entre os diferentes membros que constituem a família permitem ainda analisar os comportamentos do indivíduo de acordo com os contextos em que se insere. Sendo necessário um reajuste às dinâmicas familiares ao longo do tempo encoraja-se que os casais procurem acompanhamento terapêutico individual ou conjunto de modo a promover uma maior coesão e harmonia familiar.

### **Limitações e Estudos Futuros**

Apesar dos resultados apresentados no estudo é necessário considerar algumas limitações do mesmo.

A primeira limitação a apontar é o facto de o estudo apresentar uma natureza transversal e a amostragem ter sido recolhida pelo método de conveniência. O facto dos dados terem sido recolhidos num único momento poderá ter uma influência no tipo de respostas dadas. Neste sentido, sugere-se que sejam realizados estudos de carácter longitudinal de modo a averiguar a permanência das dinâmicas familiares. Para além disto, a amostragem por conveniência também não garante por si só a representação da população portuguesa. Deste modo, os resultados obtidos e a sua interpretação deverão ser feitos com cautela uma vez que não poderão ser generalizados.

Outro fator a ser considerado é a dimensão da amostra. Uma vez que a amostra é composta por 83 participantes, esta não poderá ser generalizada para a população. Como forma de combater esta limitação a recolha da amostra foi feita em quatro conselhos distintos de forma a obter participantes heterogéneos. Os colégios parceiros da investigação situam-se nos

concelhos de Oeiras, Sintra, Sacavém e Torres Vedras. Deste modo, embora a amostragem não seja suficientemente grande para a sua generalização, esta limitação tentou ser combatida com a diversidade de realidades, tipos de instituições (IPSS e privadas) e concelhos.

Para estudos futuros poderá ser interessante considerar a existência de sintomas ou diagnóstico de depressão pós-parto paterna (DPP). A existência das alterações a nível físico, hormonal e emocional no pai é ainda um tema pouco explorado na literatura. Recentemente, é possível destacar um conjunto de estudos (Magalhães, Couto, Fernandes & Oliveira, 2018; Bakermans-Kranenburg et al., 2019) que corroboram a ideia de que também o elemento paterno não está isento destas alterações consideradas adaptativas, de modo a preparar a chegada do novo elemento à família. Estima-se que de 8% a 26% dos homens apresentam sintomas de DPP entre os 3 e os 6 meses após o nascimento do bebé (Paulson & Bazemore, 2010).

Outra sugestão poderá ser a inclusão de casais homossexuais e de diferentes configurações familiares como por exemplo, pais que não mantenham uma relação conjugal, nem coabitem com a mãe da criança de forma a verificar se há diferenças significativas relativamente ao envolvimento paterno quando existe uma alternância de habitação e prestação de cuidados exclusivos entre o pai e a mãe.

## Referências Bibliográficas

- Aarntzen, Lianne; van der Lippe, Tanja; van Steenberg, Elianne; Derks, Belle (2020). *How individual gender role beliefs, organizational gender norms, and national gender norms predict parents' work-Family guilt in Europe. Community, Work & Family*, (), 1–23.
- Adamsons, K.; Pasley, K. (2016). *Parents Fathering Identity Standards and Later Father Involvement. Journal of Family Issues*, 37(2), 221-244.
- Ainsworth, M. D. S. (1969). *Object Relations, Dependency, and Attachment: A Theoretical Review of the Infant-Mother Relationship. Child Development*, 40(4), 969-1025.
- Ainsworth, M. S. (1979). Infant–mother attachment. *American psychologist*, 34(10), 932.
- Allport, B. S., Johnson, S., Aqil, A., Labrique, A. B., Nelson, T., Angela, K. C., & Marcell, A. V. (2018). Promoting father involvement for child and family health. *Academic pediatrics*, 18(7), 746-753.
- American Psychiatric Association (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (5ª edição).
- Bakermans-Kranenburg, M. J., Lotz, A., Alyousefi-van Dijk, K., & van IJzendoorn, M. (2019). Birth of a father: Fathering in the first 1,000 days. *Child Development Perspectives*, 13(4), 247-253.
- Baldwin, Sharin; Malone, Mary; Sandall, Jane; Bick, Debra (2018). *Mental health and wellbeing during the transition to fatherhood. JBI Database of Systematic Reviews and Implementation Reports*, 16(11), 2118–2191.
- Beck, J. S. (1997). Terapia cognitiva: teoria e prática. In *Terapia Cognitiva: teoria e prática*.

- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child development*, 83-96.
- Belsky, J., Lang, M. E., & Rovine, M. (1985). Stability and change in marriage across the transition to parenthood: A second study. *Journal of Marriage and the Family*, 855-865.
- Bomfim, V. V. B. S., Araújo, P. C., Neves, A. P. C. D., Sobrinho, W. D., Lima, T. M. S., Silva, M. E. S. & Oliveira, A. M. C. (2022). Depressão pós-parto: prevenção tratamentos. *Research, Society and Development*, 11(7)
- Bornstein, M. H. (2012). Cultural approaches to parenting. *Parenting*, 12(2-3), 212-221.
- Bouchard, G. (2012). Intergenerational transmission and transition to fatherhood: A mediated moderation model of paternal engagement. *Journal of Family Psychology*, 26(5), 747.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Volume I: Attachment*. New York: Basic
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Volume I: Attachment*. New York: Basic
- Bryman, A., & Cramer, D. (2003). *Quantitative data analysis with minitab: a guide for social scientists*. Routledge.
- Bronfenbrenner, U. (1977). *Toward an experimental ecology of human development*. *American Psychologist*, 32(7), 513-531
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: A future perspective. In P. Moen, G. H. Elder Jr., & K. Lüscher (Eds.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 619-648). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Bronte-Tinkew, J., Carrano, J., Horowitz, A., & Kinukawa, A. (2008). Involvement among resident fathers and links to infant cognitive outcomes. *Journal of Family Issues*, 29(9), 1211-1244.

- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child development, 71*(1), 127-136.
- Cabrera, N., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the dynamics of paternal influences on children over the life course. *Applied Developmental Science, 11*(4), 185–189.
- Cabrera, N. J., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2014). The ecology of father-child relationships: An expanded model. *Journal of Family Theory & Review, 6*(4), 336-354.
- Carvalho, C. M. C. F. D. (1999). Identidade e intimidade: um percurso histórico dos conceitos psicológicos. *Análise psicológica, 17*(4), 727-741.
- Chuang, S. S., & Su, Y. (2009). Do we see eye to eye? Chinese mothers' and fathers' parenting beliefs and values for toddlers in Canada and China. *Journal of Family Psychology, 23*(3), 331–341.
- Crespi, I., & Ruspini, E. (2015). Transition to fatherhood: New perspectives in the global context of changing men's identities. *International review of sociology, 25*(3), 353-358.
- Coiro, M. J., & Emery, R. E. (1998). Do marriage problems affect fathering more than mothering? A quantitative and qualitative review. *Clinical child and family psychology review, 1*, 23-40.
- Compans, M. C., Beaujouan, É., & Dutreuilh, C. (2022). From Union Formation to FirstBirth: The Role of Age at First Cohabitation in the Transition to Motherhood and Fatherhood. *Population, 77*(3), 411-436.
- Davis, A., & King, L. (2018). Gendered Perspectives on Men's Changing Familial Roles in Postwar England, c. 1950–1990. *Gender & History, 30*(1), 70.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin, 113*(3), 487-496.

- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2021). A relação conjugal na perspectiva de casais. *Ciencias Psico- logicas*, 15(1), e-2355.
- Diniz, E., & Koller, S. H. (2010). O afeto como um processo de desenvolvimento ecológico. *Educar em Revista*, 65-76.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological bulletin*, 118(1), 108.
- Eddy, B., Poll, V., Whiting, J., & Clevesy, M. (2019). Forgotten fathers: Postpartum depression in men. *Journal of Family Issues*, 40(8), 1001-1017.
- FFMS (2022). Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho. Lisboa: PORDATA.
- Finegood, E. D., Blair, C., Granger, D. A., Hibel, L. C., & Mills-Koonce, R. (2016). Psychobiological influences on maternal sensitivity in the context of adversity. *Developmental psychology*, 52(7), 1073.
- Fleming, A. S., Corter, C., Stallings, J., & Steiner, M. (2002). Testosterone and prolactin are associated with emotional responses to infant cries in new fathers. *Hormones and behavior*, 42(4), 399-413.
- Fleming, A. S., Steiner, M., & Corter, C. (1997). Cortisol, hedonics, and maternal responsiveness in human mothers. *Hormones and behavior*, 32(2), 85-98.
- Fogarty, K., & Evans, G. D. (2009). Being an involved father: What does it mean. *United States: University of Florida*
- Freeman H., Newland L. A., & Coyl D. D. (2008) Father beliefs as a mediator between contextual barriers and father involvement, *Early Child Development and Care*, 178:78, 803-819
- Gallegos, M. I., Jacobvitz, D. B., Sasaki, T., & Hazen, N. L. (2019). Parents' perceptions of their spouses' parenting and infant temperament as predictors of parenting and coparenting. *Journal of Family Psychology*, 33(5), 542.

- George, D., & Mallery, P. (2019). *IBM SPSS statistics 26 step by step: A simple guide and reference*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780429056765>
- Guedeney, N., & Guedeney, A. (2004). *Vinculação: conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Guy-Evans, O. (2020). Bronfenbrenner's ecological systems theory.
- Grusec, J., & Danyliuk, T. (2014). Parents' attitudes and beliefs: Their impact on children's development. In R. E. Tremblay, M. Boivin & R. D. V. Peters (Eds.), *Encyclopedia on Early Childhood Development* (pp. 1-5). Centre of Excellence for Early Childhood Development.
- Habib, C., & Lancaster, S. J. (2005). The transition to fatherhood: The level of first-time fathers' involvement and strength of bonding with their infants. *Journal of Family Studies, 11*(2), 249-266.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. (1986). *A theory and method of love.. Journal of Personality and Social Psychology, 50*(2), 392–402. doi:10.1037/0022-3514.50.2.392
- Hill, R. (1986). Life cycle stages for types of single parent families: Of family development theory. *Family Relations, 19*-29.
- Isabel, P. A. G., & Sinuhé, E. C. (2006). Intimidad y comunicación en cuatro etapas de la vida de pareja: su relación con la satisfacción marital. *Archivos Hispanoamericanos de Sexología, 12*(2).
- Kesmodel, U. S. (2018). Cross-sectional studies—what are they good for?. *Acta obstetricia et gynecologica Scandinavica, 97*(4), 388-393.

- Kuo, P. X., Braungart-Rieker, J. M., Lefever, J. E. B., Sarma, M. S., O'Neill, M., & Gettler, L. T. (2018). Fathers' cortisol and testosterone in the days around infants' births predict later paternal involvement. *Hormones and Behavior, 106*, 28-34.
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & family review, 29*(2-3), 23-42.
- Lamb, M. E., & Lewis, C. (2010). The development and significance of father-child relationships in two-parent families.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American zoologist, 883-894*.
- Leach, L. S., Poyser, C., Cooklin, A. R., & Giallo, R. (2016). Prevalence and course of anxiety disorders (and symptom levels) in men across the perinatal period: a systematic review. *Journal of affective disorders, 190*, 675-686.
- Lei nº 7/2009. 12 de Fevereiro. Diário da República. Série 1
- Lima, A., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2008). Filho és, pai serás... a percepção retrospectiva dos homens acerca das formas de envolvimento do seu próprio pai e suas consequências desenvolvimentais.
- Liu, Y., Haslam, D. M., Dittman, C. K., Guo, M., & Morawska, A. (2022). Predicting Chinese father involvement: Parental role beliefs, fathering self-efficacy and maternal gatekeeping. *Frontiers in Psychology, 13*, 1066876.
- Magagnin, C., Körbes, J. M., Hernandez, J. A. E., Cafruni, S., Rodrigues, M. T., & Zarpelon, M. (2003). Da conjugalidade à parentalidade: Gravidez, ajustamento e satisfação conjugal. *Aletheia, (17-18)*, 41-52.
- Magalhães, J., Couto, G., Fernandes, C., & Oliveira, I. (2018). Envolvimento do pai no período pré-natal: revisão integrativa. *Revista de Investigação & Inovação em Saúde, 1*(2), 49-60.

- Main, M. (1996). Introduction to the special section on attachment and psychopathology: 2. Overview of the field of attachment. *Journal of consulting and clinical psychology*, 64(2), 237.
- McBride, B. A., Schoppe, S. J., Ho, M., & Rane, T. R. (2004). Multiple determinants of father involvement: An exploratory analysis using the PSID-CDS data set. In R. D. Day & M. E. Lamb (Eds.), *Conceptualizing and measuring father involvement* (pp. 321-340). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Mehall, K. G., Spinrad, T. L., Eisenberg, N., & Gaertner, B. M. (2009). Examining the relations of infant temperament and couples' marital satisfaction to mother and father involvement: A longitudinal study. *Fathering*, 7(1), 23.
- Monteiro, L; Torres, N., Veríssimo, M., Pessoa e Costa, I., & Freitas, M. (2015). Análise fatorial confirmatória do questionário “O Papel do Pai” numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 33(1), 113-120.
- Moreira, H., Amaral, A., & Canavarro, M. C. (2009). Adaptação do Personal Assessment of Intimacy in Relationships Scale (PAIR) para a população Portuguesa: Estudo das suas características psicométricas. *Psychologica*, 50, 353-373.
- Mosmann, C. (2007). A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 123pp.
- Mota, C. P., & Martins, C. (2018). Vinculação aos pais e relação amorosa: Papel mediador dos conflitos interparentais em jovens adultos.
- Nogueira, J. R. D. F., & Ferreira, M. (2012). O envolvimento do pai na gravidez/parto e a ligação emocional com o bebé. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(8), 57-66.
- Palkovitz, R. J. (2002). *Involved fathering and men's adult development*. Mahwa: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

- Paulson, J. F., & Bazemore, S. D. (2010). Prenatal and postpartum depression in fathers and its association with maternal depression: a meta-analysis. *Jama*, *303*(19), 1961-1969.
- Pedersen, S. C., Maindal, H. T., & Ryom, K. (2021). “I Wanted to Be There as a Father, but I Couldn’t”: A qualitative study of fathers’ experiences of postpartum depression and their help-seeking behavior. *American journal of men's health*, *15*(3), 15579883211024375.
- Petts, R. J. & Knoester, C. (2018). *Paternity Leave-Taking and Father Engagement. Journal of Marriage and Family*,
- Piskernik, B., & Ahnert, L. (2019). What does it mean when fathers are involved in parenting. *Advancing research and measurement on fathering and children’s development. Monographs of the Society of Research in Child Development*, *84*(1), 64-78.
- Pleck, E. H., & Pleck, J. H. (2010) Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (5<sup>th</sup> ed., pp. 33-48). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement. *The role of the father in child development*, 58.
- Rane, T. R., & McBride, B. A. (2000). Identity theory as a guide to understanding fathers’ involvement with their children. *Journal of Family Issues*, *21*, 347–366.
- Rehel, E. M. (2014). *When Dad Stays Home Too: Paternity Leave, Gender, and Parenting. Gender & Society*, *28*(1), 110–132. doi:10.1177/0891243213503900
- Rohner, R. P., & Venazio, R. A. (2001). The importance of father love: History and contemporary evidence. *Review of General Psychology*, *5*(4), 382–405.
- Scarff, J. R. (2019). Postpartum depression in men. *Innovations in clinical neuroscience*, *16*(5-6), 11.
- Schaefer, M. T., & Olson, D. H. (1981). Assessing intimacy: The PAIR inventory. *Journal of marital and family therapy*, *7*(1), 47-60.

- Schoppe-Sullivan, S. J., Brown, G. L., Cannon, E. A., Mangelsdorf, S. C., & Sokolowski, M. (2008). Maternal gatekeeping, coparenting quality, and fathering behavior in families with infants. *Journal of Family Psychology, 22*, 389-398.
- Seitz, R. J. (2022). Believing and beliefs—neurophysiological underpinnings. *Frontiers in Behavioral Neuroscience, 16*.
- Shorey, S., Ang, L., Goh, E. C., & Gandhi, M. (2019). Factors influencing paternal involvement during infancy: a prospective longitudinal study. *Journal of Advanced Nursing, 75*(2), 357-367.
- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Escala de envolvimento paterno: Um estudo de validação de um instrumento. *Lisboa: Placebo Editora*.
- Solberg, B., Glavin, K., Berg, R. C., & Olsvold, N. (2022). “Opening up a well of emotions”: A qualitative study of men's emotional experiences in the transition to fatherhood. *Nursing Open*.
- Sternberg, Robert J. (1987). *Liking versus loving: A comparative evaluation of theories. Psychological Bulletin, 102*(3), 331–345. doi:10.1037/0033-2909.102.3.331
- Stryker, S. (1980). *Symbolic interactionism: A social structural version*.
- Tan, L. (2014). Correlational Study in W. F. Thompson (Ed.), *Music in the social and behavioral sciences: An encyclopedia*, 269-271. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- United Nations (2011). *Men in Families and Family Policy in a Changing World*. New York
- Wong, M. S., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., Neff, C., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2009). Parental beliefs, infant temperament, and marital quality: Associations with infant mother and infant–father attachment. *Journal of Family Psychology, 23*(6), 828.
- World Health Organization (2013). *Mental Health Action Plan 2013-2020*.
- Zvara, B. J., Schoppe-Sullivan, S. J., & Dush, C. K. (2013). Fathers' involvement in child health care: associations with prenatal involvement, parents' beliefs, and maternal gatekeeping. *Family relations, 62*(4), 649-661.

## Anexos

### Anexo A – Questionário Sociodemográfico



### Questionário Sociodemográfico

Em seguida, pedimos-lhe que nos forneça um conjunto de informações sobre si e a sua família.

1. Indique, por favor, a sua idade: \_\_\_\_\_ anos

2. Indique o maior grau académico concluído:

Até ao 9º Ano

Mestrado

Até ao 12º Ano

Doutoramento

Licenciatura

Outro: \_\_\_\_\_

3. Há quanto tempo **vive** com a sua companheira? \_\_\_\_\_ anos

4. Como percebe a qualidade da relação conjugal com a mãe do bebé?

Nada satisfatória

Pouco satisfatória

Satisfatória

Muito Satisfatória

Plenamente Satisfatória

5. Acompanhou a mãe do bebé às consultas durante o período de gestação?

Sim.

Não. Porquê? \_\_\_\_\_

6. Assistiu ao parto?

Sim.

Não. Porquê? \_\_\_\_\_

7. Sente que poderia ter estado mais envolvido durante a gestação e pós-parto?

---

---

---

---

8. Usou os 20 dias de licença parental exclusiva do pai obrigatórios após o nascimento do bebé?

Sim.

Não. Porquê? \_\_\_\_\_

9. Usou da licença parental partilhada de 30 dias (acrescido ao período de 120 ou 150 dias de licença parental inicial)?

Sim. Indique em que momento: \_\_\_\_\_

Não. Porquê? \_\_\_\_\_

10. Quais os aspetos **positivos** que salienta da sua experiência durante o período de licença de paternidade.

---

---

---

---

---

11. Quais as maiores **dificuldades** sentidas por si durante o período de licença de paternidade.

---

---

---

---

---

12. Qual o sexo do bebé?  Masculino  Feminino

13. Atualmente, quantos meses tem o seu filho(a)? \_\_\_\_\_ meses

14. O bebé tem algum diagnóstico médico?

Sim. Qual? \_\_\_\_\_

Não.

15. Quem é / são o(s) principal(ais) cuidador(es) do bebé? \_\_\_\_\_

## Anexo B – Escala Papel do Pai



Q.P.P. (WIAF)

**Instrução:** As seguintes afirmações referem-se às suas percepções acerca do **papel do pai**. Por favor, assinale até que ponto concorda ou discorda com cada uma delas, colocando uma cruz no quadrado correspondente.

**1 – O pai deve passar mais tempo a interagir com os seus filhos, do que a trabalhar.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**2 – O pai desempenha um papel central no desenvolvimento da personalidade das crianças.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3 – O pai deve ser o elemento disciplinador na família.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**4 – O papel do pai é o de sustentar financeiramente a família, não o de tomar conta das crianças.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**5 – O pai deve estar tão envolvido nos cuidados diretos às crianças (como por exemplo: no vestir, dar de comer) como a mãe.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6 – As responsabilidades da parentalidade nunca ofuscam as alegrias de ser pai.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**7 – O pai e a mãe devem passar a mesma quantidade de tempo com os seus filhos.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**8 – O pai tem uma responsabilidade especial no assegurar de que os seus filhos se sintam protegidos e seguros.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**9 - É tão importante para um pai, responder às necessidades emocionais do seu filho(a) (por exemplo: segurança emocional) como o é para uma mãe.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**10 – A dimensão mais importante na qual o homem pode investir tempo e energia é na sua família.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente

**11 – O pai é tão sensível nos cuidados aos seus filhos como a mãe.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente

**12 – Um aspeto importante do papel do pai é o de orientar ética e moralmente as crianças.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente

**13 – O modo como o pai trata o seu filho(a) tem consequências importantes ao longo da vida.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente

**14 – Garantir a estabilidade financeira dos seus filhos é a melhor forma de um pai demonstrar que se preocupa com eles.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente

**15 – A paternidade é uma experiência extremamente gratificante.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não tenho a Certeza	Discordo	Discordo Fortemente

## Anexo C – Escala Envolvimento Parental



E. E. P.

**Instrução:** As seguintes afirmações referem-se à sua percepção acerca das suas **dinâmicas familiares**. Por favor, assinale até que ponto concorda ou discorda com cada uma delas, colocando uma cruz no quadrado correspondente.

**Com que frequência realiza as seguintes tarefas:**

**1 – Alimentar a criança.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**2 – Ter responsabilidade total pela criança.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3 – Castigar a criança.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**4 – Estabelecer limites para o comportamento da criança.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**5 – Ajudar a criança nos problemas pessoais.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6 – Dar banho e vestir a criança.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**7 – Deitar a criança.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**8 – Ajudar a criança a aprender.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Com que frequência você está:**

**9 – Fora de casa e longe da criança durante semanas e meses.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**10 – Fora de casa durante dias seguidos.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca

**11 – Fora de casa nos fins-de-semana.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca

**12 – Fora de casa pelo menos 4 noites por semana.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca

**13 – Fora de casa pelo menos 2 noites por semana.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca

**14 – Ausente durante o jantar com a criança pelo menos 2 noites por semana.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca

**15 – Presente durante a semana nos pequenos-almoços com a criança e restante família.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca

**16 – Em casa à hora do lanche durante a semana.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca

**17 – Em casa ao final do dia quando a criança chega da escola.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca

**18 – Em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família.**

Sempre	Quase Sempre	Não Sei / Não se Aplica	Quase Nunca	Nunca

Na sua família, quem é que geralmente toma as seguintes decisões:

**19 – Quando as crianças devem ser disciplinadas.**

Sempre o pai	Quase sempre o pai	Não Sei / Não se Aplica	Quase sempre a mãe	Sempre a mãe

**20 – Quando as crianças são suficientemente crescidas para experimentar coisas novas.**

Sempre o pai	Quase sempre o pai	Não Sei / Não se Aplica	Quase sempre a mãe	Sempre a mãe

**21 – Como classifica o seu grau de envolvimento na prestação de cuidados à criança.**

Muito Envolvido	Envolvido	Não Sei / Não se Aplica	Pouco Envolvido	Nada Envolvido

## Anexo D – Escala de Avaliação da Intimidade na Relação (PAIR)



PAIR

**Instrução:** As seguintes afirmações referem-se à sua percepção acerca da sua **relação conjugal**. Por favor, assinale até que ponto concorda ou discorda com cada uma delas, colocando uma cruz no quadrado correspondente.

**1 – O meu (minha) companheiro(a) escuta-me quando preciso de falar com alguém.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**2 – Gostamos de passar tempo com outros casais.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3 – Estou satisfeito(a) com a nossa vida sexual.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**4 – O meu (minha) companheiro(a) ajuda-me a clarificar os meus pensamentos.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**5 – Gostamos das mesmas atividades de lazer.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**6 – O meu (minha) companheiro(a) tem todas as qualidades que sempre desejei num parceiro.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**7 – Posso falar dos meus sentimentos sem que ele / ela se torne defensivo.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**8 – Normalmente isolamo-nos dos outros.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**9 – Sinto que a nossa vida sexual é apenas uma rotina.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**10 – Quando se trata de ter uma discussão séria parece que temos pouco em comum.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**11 – Partilho pouco os interesses do meu (minha) companheiro(a).**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**12 – Há momentos em que não sinto muito amor e carinho pelo meu (minha) companheiro(a).**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**13 – Sinto-me muitas vezes distante do meu (minha) companheiro(a).**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**14 – Temos poucos amigos em comum.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**15 – Sou capaz de dizer ao meu (minha) companheiro(a) quando pretendo ter relações sexuais.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**16 – Sinto-me humilhado(a) / “deitado(a) abaixo” quando eu e o meu (minha) companheiro(a) temos uma conversa séria.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**17 – Gostamos de nos divertir juntos.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**18 – Cada coisa nova que aprendi sobre o meu (minha) companheiro(a) agradou-me.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**19 – O meu (minha) companheiro(a) consegue realmente compreender os meus sofrimentos e alegrias.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**20 – Passar tempo em conjunto com os amigos é uma parte importante das nossas atividades em comum.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**21 – Contenho o meu interesse sexual porque o meu (minha) companheiro(a) faz-me sentir desconfortável.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**22 – Sinto que é inútil discutir alguns assuntos com o meu (minha) companheiro(a).**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**23 – Gostamos de realizar juntos atividades ao ar livre.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**24 – Eu e o meu (minha) companheiro(a) entendemo-nos completamente.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**25 – Por vezes sinto-me negligenciado(a) pelo(a) meu (minha) companheiro(a).**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**26 – Muitos dos amigos mais próximos do meu (minha) companheiro(a) são também os meus amigos mais próximos.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**27 – O meu (minha) companheiro(a) tenta frequentemente mudar as minhas ideias.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**28 – Raramente temos tempo para fazer coisas divertidas juntos.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**29 – Eu não acho que alguém poderia ser mais feliz do que eu e o meu (minha) companheiro(a) quando estamos juntos.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**30 – Por vezes sinto-me sozinho(a) quando estamos juntos.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**31 – O meu (minha) companheiro(a) desaprova alguns dos meus amigos.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**32 – O meu (minha) companheiro(a) parece não ter interesse pelo sexo.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**33 – Temos inúmeros assuntos sobre os quais conversar.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**34 – Sinto que partilhamos alguns interesses em comum.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

**35 – Tenho algumas necessidades que não estão a ser satisfeitas no meu relacionamento.**

Concordo Fortemente	Concordo	Não Concordo nem Discordo	Discordo	Discordo Fortemente

## Anexo E – Protocolo de Investigação



### **Pedido de Autorização para a Realização da Investigação sobre a Influência das Crenças Paternas e o Envolvimento do Pai nos Cuidados ao Bebê**

No âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica, os alunos finalistas do Ispa – Instituto Universitário têm de desenvolver uma dissertação que integra uma componente prática de investigação. Para o seu trabalho de dissertação, a aluna Mariana de Castro Meireles, vem por este meio, solicitar a autorização para a realização de uma investigação, orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eva Diniz, sobre a influência das crenças paternas no envolvimento do pai nos cuidados prestados ao seu bebê / criança até aos 3 anos mediada pela qualidade conjugal.

Salienta-se a extrema relevância do presente estudo, dado contribuir para o aumento do conhecimento acerca do desempenho do papel do pai. A temática da parentalidade focada na perspectiva paterna tem vindo a ser alvo de interesse por parte da investigação, uma vez que o pai desempenha um papel fundamental no desenvolvimento saudável do bebê. Neste sentido, o contributo do pai torna-se fundamental para o maior conhecimento e desenvolvimento nesta área, pelo que, solicito a sua imprescindível colaboração para a consecução dos objetivos a que me proponho, permitindo acesso à Entidade, para fins de recolha de dados. Garantindo, desde já, que a investigação cumprirá todos os requisitos éticos inerentes a um estudo desta natureza, nomeadamente, o anonimato dos participantes e confidencialidade dos dados recolhidos.

Será utilizado um breve questionário sociodemográfico, assim como, três instrumentos de avaliação: Escala Papel do Pai; Escala de Envolvimento Parental; e Escala de Avaliação da Intimidade na Relação. Todos estes questionários estão devidamente validados para a população portuguesa. O questionário deve ser preenchido de forma individual, prevendo-se que a sua aplicação não exceda os 15 minutos. Os questionários serão entregues a um responsável, num envelope fechado para serem entregues a cada um dos pais e, posteriormente, devolvidos em envelope fechado ao responsável. De seguida, os envelopes serão recolhidos por mim mediante combinação prévia. Será ainda, fornecido a cada participante um pedido de autorização para a participação no presente estudo (consentimento informado), assim como, uma breve explicação dos objetivos e natureza do mesmo.

Para mais informações e/ou esclarecimentos poderá entrar em contacto comigo através do e-mail [26720@alunos.ispa.pt](mailto:26720@alunos.ispa.pt) ou com a Investigadora Coordenadora Eva Diniz através do e-mail [ediniz@ispa.pt](mailto:ediniz@ispa.pt).

Agradeço desde já a sua atenção e disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

Mariana Meireles

## Anexo F – Termo de Consentimento Livre



### Termo de consentimento livre

Convidamo-lo a participar neste estudo que tem por objetivo investigar aspetos relacionados com as suas crenças e a parentalidade, no âmbito de dissertação de mestrado em Psicologia Clínica (Orientação: Eva Diniz).

Objetivo do estudo: Obter uma melhor compreensão de aspetos relacionados com as suas crenças sobre a parentalidade, práticas parentais e qualidade conjugal. Para isso pedimos-lhe que responda a um conjunto de questões sobre si, a sua relação conjugal e o/a seu/sua filho/a. Lembramos que não existem respostas certas nem erradas, por isso pedimos-lhe que responda o mais honestamente possível. Normalmente, a primeira resposta que lhe ocorrer é a que melhor representa o seu pensamento e comportamento.

Caso não se encontre atualmente numa relação conjugal e / ou não coabite com a mãe do seu filho/a, por favor não considere este questionário.

Tratamento da informação: Todas as informações fornecidas serão mantidas e tratadas de forma anónima e confidencial. Os dados ficarão guardados nas instalações do ISPA - Instituto Universitário, fisicamente protegidos, e apenas a equipa de investigação terá acesso. Este estudo respeita todas as normas de investigação com seres humanos e foi aprovado pela Comissão de Ética do ISPA - Instituto Universitário.

Os dados obtidos contribuirão para aumentar o conhecimento sobre os aspetos relacionados com as crenças e a parentalidade, o que permitirá desenvolver ações que promovam o bem-estar das famílias e suas crianças. Prevê-se que os resultados obtidos sejam apresentados em congressos e publicações científicas, mas a apresentação dos dados será sempre feita de forma global de forma a manter o anonimato do(a)s participantes.

A sua participação é voluntária e não envolve riscos para o bem-estar. Em qualquer momento poderá desistir da participação e solicitar que a informação fornecida seja removida e eliminada. No caso de ter alguma dúvida ou necessitar de algum esclarecimento não hesite em contactar-nos para o seguinte email: [26720@alunos.ispa.pt](mailto:26720@alunos.ispa.pt) ou [ediniz@ispa.pt](mailto:ediniz@ispa.pt)

Se tiver interesse em receber informações dos principais resultados do estudo, indique aqui o seu email:

---

Para autorizar a sua participação, por favor assine abaixo.

---

Participante

---

Investigadora

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_